



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE MUSEOLOGIA**

Leandra Furst Signori Prado

**MONUMENTALIDADE, SUBSTANTIVO FEMININO**  
Um estudo sobre representações de gênero em monumentos

Brasília, DF  
2024

LEANDRA FURST SIGNORI PRADO

**MONUMENTALIDADE, SUBSTANTIVO FEMININO**  
Um estudo sobre representações de gênero em monumentos

Monografia apresentada como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Museologia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Lúcia de Abreu Gomes  
Coorientador: Prof. Ms. Arthur Gomes Barbosa

Brasília, DF  
2024

### CIP - Catalogação na Publicação

Fm

Furst, Leandra.  
MONUMENTALIDADE, SUBSTANTIVO FEMININO: Um estudo sobre  
representações de gênero em monumentos / Leandra Furst;

Orientador: Ana Lúcia de Abreu Gomes; co-orientador Arthur  
Gomes Barbosa. Brasília, 2024.  
70 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Museologia)  
Universidade de Brasília, 2024.

1. monumentos. 2. identidade. 3. narrativas. 4. mulheres.  
I. de Abreu Gomes, Ana Lúcia, orient. II. Gomes Barbosa,  
Arthur, co-orient. III. Título.

## LEANDRA FURST SIGNORI PRADO

### MONUMENTALIDADE, SUBSTANTIVO FEMININO

Um estudo sobre representações de gênero em monumentos

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília - UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado por:

**Ana Lúcia de  
Abreu Gomes**

Professora de Magistério Superior na Universidade de Brasília  
Doutora em História Cultural pela Universidade de Brasília (UnB)

**Deborah Silva Santos**

Professora de Magistério Superior na Universidade de Brasília  
Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)

**Marijara de Souza  
Queiroz**

Professora de Magistério Superior na Universidade de Brasília  
Doutora em Artes pela Universidade de Brasília (UnB)



Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 09/09/2024, às 15:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Marijara Souza Queiroz, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 09/09/2024, às 15:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Deborah Silva Santos, Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 09/09/2024, às 15:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **11687656** e o código CRC **59D4FB12**.

---

**Referência:** Processo nº 23106.081867/2024-51

SEI nº 11687656

Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, , Brasília/DF, CEP 70910-900  
Telefone: e Fax: @fax\_unidade@ - <http://www.unb.br>

Dedico esta escrita à mulher que me deu à vida, minha mãe, a mulher que me inspira todos os dias, símbolo de força e gratidão.

Dedico esta escrita ao meu pai, o homem que me mostrou como podemos deixar o mundo mais justo e com equidade, símbolo de amor e parceria.

Dedico esta escrita a todas as mulheres que já se sentiram apagadas, invisibilizadas. Suas histórias são importantes, suas histórias são nossas histórias!

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, os maiores responsáveis por eu chegar onde cheguei. Obrigada por conseguirem, com muito esforço, me dar a educação que me fez chegar até aqui! Obrigada por terem me apoiado nos momentos de crise, nos momentos em que estive doente, foram nesses momentos que mais precisei, vocês estavam lá!

Agradeço à mulher da minha vida, minha mãe, Marcela Maria Furst! Aquela que me ensinou o que é ser mulher e todas as possibilidades do que é ser mulher; aquela que me ensinou a ter a força que uma mulher precisa ter para encarar este mundo!

Agradeço ao meu pai, Sósthene Neto, aquele que com todo seu amor e paciência me criou e me permitiu ser quem eu sou. Aquele que mostrou que os homens podem aprender e se desconstruir, e fazer um mundo um lugar mais justo!

Agradeço ao meu querido e parceiro, André Tenório, aquele que, com todo seu coração, me acolheu, apoiou e me incentivou. Agradeço-o por, diariamente, me aceitar e criar comigo um mundo nosso. Agradeço-o por sempre me dar todo um suporte e confiança, de sempre acreditar no meu potencial!

Agradeço à Profª Drª Ana Lúcia Abreu e ao Prof. Ms. Arthur Gomes Barbosa, por se disporem a me orientar e que, com toda paciência e confiança, me permitiu escrever meus pensamentos. Agradeço-os por serem responsáveis por me apresentarem ao mundo discussões que foram importantes para meu crescimento pessoal e acadêmico. Agradeço-os por me deixar expressar meus pensamentos e ideias!

Agradeço à Universidade de Brasília, e principalmente ao curso de Museologia, por terem me dado o espaço para que, por meio das disciplinas ofertadas e experiências que tive ao longo da graduação, pude aprender, refletir, questionar e me expressar!

Agradeço a mim mesma, Leandra Furst, por nunca ter desistido!

A História das Mulheres é uma história de exclusão, de apagamentos, de sabotagem, de desvalorizações. Para se atacar a luta das mulheres, que historicamente leva o nome de feminismo, é preciso que nosso protagonismo seja negado. É preciso fingir que nunca lutamos. Por isso é tão relevante conhecer a nossa história. (Aronovich. 2019, p. 22)

## **RESUMO**

A escrita tem como objeto o estudo sobre a construção de identidades por meio de simbologias e objetos físicos em espaços públicos. Por meio de uma perspectiva da museologia social, explora-se como os monumentos atuam como suportes para o reconhecimento e reforço de identidades culturais, refletindo relações de poder e disputas de narrativas. Como referência, o trabalho apresenta e analisa representações de mulheres em monumentos públicos no Brasil, no século XX e XXI, com foco inicial na personagem Anita Garibaldi, e depois fazendo paralelos com os casos de Dandara dos Palmares, Maria Quitéria e Maria Felipa, todas consideradas heroínas nacionais. A partir de leituras e reflexões teóricas(os), analisa-se como a monumentalidade atua na produção social da memória de mulheres. Desta forma, a pesquisa explora os monumentos como alegorias de narrativas e memórias, questionando narrativas hegemônicas, assim, inserida no eixo da museologia e patrimônio cultural, enfatiza a necessidade de preservar e reinterpretar o patrimônio para incluir memórias diversas, promovendo então uma compreensão mais inclusiva e dinâmica da cultura nos espaços públicos.

**Palavras-chave:** monumentos; identidade; narrativas; mulheres.

## RESUMEN

El objetivo de este artículo es estudiar la construcción de identidades a través del simbolismo y los objetos físicos en los espacios públicos. Desde una perspectiva de museología social, explora cómo los monumentos actúan como soportes de reconocimiento y refuerzo de las identidades culturales, reflejando las relaciones de poder y las disputas por las narrativas. Como referencia, el trabajo presenta y analiza las representaciones de mujeres en monumentos públicos de Brasil en los siglos XX y XXI, centrándose inicialmente en el personaje de Anita Garibaldi, para luego establecer paralelismos con los casos de Dandara dos Palmares, Maria Quitéria y Maria Felipa, todas consideradas heroínas nacionales. A partir de lecturas y reflexiones teóricas, analiza cómo la monumentalidad actúa en la producción social de la memoria de las mujeres. De este modo, la investigación explora los monumentos como alegorías de narrativas y memorias, cuestionando las narrativas hegemónicas, por lo que, insertada en el eje de la museología y el patrimonio cultural, enfatiza la necesidad de preservar y reinterpretar el patrimonio para incluir memorias diversas, promoviendo así una comprensión más inclusiva y dinámica de la cultura en los espacios públicos.

**Palabras clave:** monumentos; identidad; narrativas; mujeres.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 01 - Fotografia da estátua do busto da Anita Garibaldi em Florianópolis, Santa Catarina

Figura 02 - Fotografia da estátua de corpo todo de Anita Garibaldi em Laguna, Santa Catarina

Figura 03 - Fotografia da estátua de Anita Garibaldi no Jardim das Esculturas, em Curitiba, Paraná

Figura 04 - Fotografia da estátua do busto de Giuseppe Garibaldi no Parque da Luz, em São Paulo

Fotografia da estátua do busto de Giuseppe Garibaldi no Parque da Luz, em São Paulo

Figura 05 - Fotografia da placa de bronze em homenagem a Giuseppe Mazzini no Parque da Luz, São Paulo

Figura 06 - Fotografia do Monumento a Giuseppe e Anita Garibaldi, localizado na Praça Garibaldi, em Porto Alegre

Figura 07 - Fotografia da estátua busto de Anita Garibaldi em Laguna, Santa Catarina

Figura 08 - Fotografia do monumento a Giuseppe Garibaldi em La Spezia, Itália

Figura 09 - Fotografia da estátua de Maria Quitéria, Salvador, Bahia

Figura 10 - Fotografia da estátua de Maria Felipa, Salvador, Bahia

Figura 11 - Fotografia da estátua de Maria Felipa, Salvador, Bahia

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO.....	10
OBJETIVOS.....	20
JUSTIFICATIVA.....	21
1 UMA QUESTÃO DE GÊNERO E TENSIONAMENTOS.....	23
2 A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E OS MONUMENTOS.....	29
3 ANÁLISE DAS OBRAS E SUAS DIMENSÕES MONUMENTAIS.....	36
3.1 Anita Garibaldi, seu legado e o horizonte simbólico do ser feminino.....	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61

## INTRODUÇÃO

Ao longo da minha vivência e dos estudos durante a graduação no curso de museologia da Universidade de Brasília, me apeguei aos processos pelos quais grupos, comunidades e indivíduos constroem, percebem e expressam suas identidades.

As identidades são construídas por meio de interações com o mundo ao nosso redor, assim, acredita-se que, os indivíduos se identificam e são identificados por intermédio de símbolos, signos, valores, crenças, bem como experiências e relações sociais. Dito isso, entende-se que estes processos identitários, nas sociedades, desempenham um papel fundamental, uma vez que influenciam a maneira como as pessoas interagem umas com as outras e como são tratadas por meio destas narrativas.

Para se falar sobre identificação e reconhecimento por meio das identidades, é preciso perceber como as imagens são capazes de assumir importância na construção de um ponto de vista. Ao longo dos estudos, foi notável a necessidade do uso de figuras e elementos visuais na construção da cultura no meio social. Neste contexto, foi possível observar e analisar, ao longo da pesquisa, como as imagens não são neutras, mas sim carregadas de relações de poder e disputas quando consagradas em espaços diversos, no caso, em específico, o espaço público.

Nesta pesquisa, foi explorado como nos espaços públicos, o uso de símbolos, objetos e artefatos, são capazes de gerar identificações e reconhecimentos ao representar identidades. E como objeto principal de representação de identidades, proponho o monumento físico, obras esculturais, em uma estética tradicional, como uma alegoria para a discussão sobre espaços de narrativas e memórias, visando as relações e disputas de poder existentes no âmbito político e sociocultural, e para se discutir sobre o uso de imagens e simbologias na produção social de memória.

Antes, para entender melhor tal dimensão, acessamos, por meio de Françoise Choay (2006), Alois Rieg (2014) e Arthur Gomes Barbosa<sup>1</sup> (2021), o conceito de monumento, que será apresentado mais a fundo no decorrer da pesquisa. A título de entendimento inicial, considera-se um monumento: todo objeto físico, portador de

---

<sup>1</sup> Arthur Gomes Barbosa é graduado em Museologia pela Universidade de Brasília, mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPG FAU-UnB. Suas pesquisas se dão no campo do patrimônio material, espaço urbano, cultura visual, arte contemporânea. Sua citação foi retirada de uma apresentação oral durante a aula da matéria "Museu, Museologia e Pesquisa na Contemporaneidade", na Universidade de Brasília.

significado e sentido, utilizado para preservar narrativas do passado, tornando-as tangíveis no presente e projetando-as para o futuro. Assim, busca-se nos monumentos a construção de narrativas relevantes para o coletivo, destacando seu caráter identitário e simbólico, observando-se os usos sociais e as produções de sentido que emergem.

Fui apresentada ao debate sobre os monumentos por meio da disciplina Museu, Museologia e Pesquisa na Contemporaneidade, ministrada pelo professor Arthur Gomes Barbosa, onde foram discutidas as dinâmicas entre memória, narrativas e arte em monumentos como patrimônio material edificado, os quais, a partir de seus usos sociais, são utilizados para contestar e ressignificar narrativas hegemônicas. Por meio de uma bibliografia extensa e debates em sala de aula, foi abordado o impacto da experiência urbana e vivências nas percepções de memória, narrativas e imaginários coletivos sobre o patrimônio urbano.

Neste trabalho, busco apresentar os resultados de uma pesquisa que se iniciou na disciplina e perpetuou nos meus pensamentos para além, como forma de questionar e opor-me a certas narrativas hegemônicas, as quais impõem modos específicos e excludentes de existir no mundo. Estas acabam por silenciar e marginalizar outras perspectivas, assim, desvalorizando as diversidades culturais e sociais existentes, como exemplo a normativa patriarcal, que será posteriormente desenvolvida, sendo esta excludente, e que ignora e marginaliza as vivências e histórias de mulheres.

Visando estas discussões, a pesquisa e o trabalho estão inseridos no eixo 3, Museologia e Patrimônio Cultural, do curso de Museologia da Universidade de Brasília, o qual permite adentrar em temas que interessam a este trabalho de maneira profunda e coerente. Apresenta-se também o campo da museologia social como base para seguir com o debate, já que esta vertente busca ver os artefatos culturais como um espaço para se discutir, abordar questões sociais e incluir narrativas de grupos marginalizados.

A museologia é uma ciência preparada para o estudo e pesquisa da preservação de memórias (Wichers, 2018, p. 139). Por muito tempo foi exaltada a lógica de uma museologia de matriz branca e heterossexual, onde além de gerenciados por homens brancos e héteros, seus objetos eram sempre expostos e musealizados em uma lógica eurocentrada. Ao se discutir os pilares que sustentam a museologia, como faz a autora Wichers (2018, p. 142), observa-se a formação de

uma cadeia desenvolvida por ações como documentação, conservação, exposição e atividades educativas, ações estas intermediadas pela preservação, um conceito que Wichers destaca como essencial.

Aqui o sentido de preservação é pleno de possibilidades, pois emerge da premissa de que preservar é utilizar esses indicadores e referências para a construção de uma sociedade mais justa. Certamente, essas premissas encontram ecos nas lutas feministas. (Wichers, 2018, p. 142)

Para subverter essas perspectivas, a museologia social, como campo de estudo, surge com foco na inclusão social, dando visibilidade às memórias de grupos marginalizados, de forma que valoriza, reconhece e celebra a diversidade cultural, étnica e de gênero. Desta forma, acredita-se na importância de um pensamento social museológico para com os objetos culturais para que se produza uma memória social mais justa e não opressora. Assim, o uso desta vertente da museologia nesta pesquisa, dá-se em função da ampliação do pensamento crítico acerca da maneira pela qual objetos culturais podem reforçar estereótipos de uma identidade, pensando em subverter a matriz sociocultural colonizadora e eurocentrada.

Tendo em vista o escopo deste trabalho, ao percorrer os espaços públicos, como a cidade, me questiono a que parte dela eu pertenço. Ao observar monumentos, afirmo a dificuldade de reconhecimento neles por se tratarem, em sua maioria, de representações masculinas. No geral, entende-se que os monumentos são símbolos de poder e são construídos por aqueles que detêm o poder. Desta forma, se quem detém o poder são homens brancos, cisgênero e heteronormativos, estes objetos são autorrepresentações. Suas histórias são o tempo todo contadas, normalmente envoltas por narrativas grandiosas, heroicas, e se encontram amplamente expostas nos espaços públicos. Porém, onde estão as outras pessoas? Me questiono onde estão os monumentos às mulheres; às lideranças LGBTQIAPN+; aos povos negros, aos povos originários; onde estão suas histórias? Nossos espaços e nossas memórias são continuamente ocultadas e, acredito, que não devem ser protagonizadas por apenas um gênero, cor ou corpo.

Por certo, estes grupos também têm vozes, opiniões, subjetividades e culturas próprias. Assim, torna-se necessário garantir espaços mais plurais e justos a estes grupos diversos. Contudo, identificando a necessidade de um recorte perante a incapacidade de abranger toda a pluralidade de pessoas, esta escrita tem como

finalidade instigar o alcance de uma maior visibilidade das memórias de mulheres cisgêneras<sup>2</sup> em toda sua diversidade de etnia, demonstrando a presença de suas histórias, como são retratadas e a mudança que estas histórias sofrem a depender da construção de suas representações em signos como os monumentos.

Para isso, serão abordadas algumas representações monumentais de personagens femininas por meio de monumentos existentes no Brasil, e como elas podem ou não ajudar e integrar a afirmação de estereótipos culturais. Como objeto de estudo serão analisados os monumentos da revolucionária Anita Garibaldi, bem como monumentos feitos para Maria Quitéria e Maria Felipa. E o caso de Dandara dos Palmares, mulher negra, símbolo de resistência, é considerada heroína nacional, mas não há monumentos de estética tradicional a sua pessoa. Essa ausência instiga a pensar o porquê deste apagamento sobre sua personagem, e como determinadas narrativas podem causar exclusões do meio social e histórico. A quem, então, é reservado o direito de ocupar os espaços públicos e simbólicos? Pensamentos e questões que vêm à tona ao conhecermos as personagens.

O caso de Anita se insere neste trabalho no sentido de identificar e ressaltar, conforme veremos adiante, opressões simbólicas e estereotipações que abrangem para a concretizações dos objetivos do texto. No caso dela, as estereotipações vinculadas a sua figura se dá por todo um contexto histórico, político, racial, por ser uma mulher branca, ter lutado em confrontos políticos, além de ter sido mãe e esposa, as narrativas de suas memórias tendem a serem colocadas em lugares em que o sistema patriarcal ocidental vê o lugar que as mulheres brancas devem ocupar.

A partir desta análise central, busca-se apresentar contrapontos e outras perspectivas, as quais será possível identificar narrativas análogas, bem como indicativo de outras formas e caminhos para as representações de personagens históricas femininas. Desta forma, o recorte deste trabalho se orienta, depois de Anita Garibaldi, para as personagens de Maria Felipa e Maria Quitéria, como contraponto positivo à Anita, e Dandara dos Palmares, que introduz a questão racial ao tema, e Maria Felipa, que nos mostra algumas perspectivas de construção positiva para o futuro do tema.

---

<sup>2</sup> Cisgênero é um termo que se refere a pessoas em que a identidade de gênero coincide com o sexo biológico/gênero atribuído ao nascimento com base em características biológicas. Assim, esta pesquisa destaca sobre identidades femininas que estão na matriz cismutativa, devido à falta de monumentos homenageadas às mulheres transsexuais. Para saber mais sobre cisgêneridade, transexualidade e pessoas não cisgêneras, informações estão acessíveis no guia “Retificação de gênero”, disponível em: < <https://antrabrasil.org/cartilhas/> >

Assim, em um primeiro momento, serão analisadas três representações monumentais criadas como homenagem a Anita Garibaldi e como as imagens construídas nestes monumentos ajudam na afirmação de uma identidade particular sobre ela. Assim, é possível refletir sobre como esta personalidade é retratada de diferentes maneiras e quais narrativas os monumentos são capazes de perpassar aos públicos<sup>3</sup>. A primeira estátua (ver figura 01) é o busto de Anita Garibaldi localizado em Florianópolis, o primeiro monumento em Santa Catarina feito em sua homenagem. A segunda (ver figura 02) é uma estátua de corpo inteiro localizada em uma praça em Laguna, Santa Catarina. E a terceira referência (ver figura 03) é o monumento mais recente feito para homenageá-la, em Curitiba.

---

<sup>3</sup>Utiliza-se o termo público no plural para abranger uma linha de pesquisa museológica que acredita na necessidade de incluir os diversos tipos de público existentes nas discussões.

Figura 01 - Fotografia da estátua do busto da Anita Garibaldi em Florianópolis, Santa Catarina



Fonte: Moacir Pereira<sup>4</sup>

<sup>4</sup> PEREIRA, Moacir. Monumento a Anita Garibaldi na Praça Getúlio Vargas. 2021. Fotografia digital. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/anita-garibaldi-bicentenario-tera-varios-eventos-em-laguna/> Acesso em: 8 ago. 2024

Figura 02 - Fotografia da estátua de corpo todo de Anita Garibaldi em Laguna, Santa Catarina



Fonte: Jack Christiaan - JustSmiles.nl<sup>5</sup>

<sup>5</sup> CHRISTIAAN, Jack. Estátua de Anita Garibaldi. Fotografia digital. Disponível em: <https://descobrirlaguna.wixsite.com/descobrirlaguna1/anitagaribaldi> Acesso em: 8 ago.2024

Figura 03 - Fotografia da estátua de Anita Garibaldi no Jardim das Esculturas, em Curitiba, Paraná



Fonte: Webpage Insieme<sup>6</sup>

O segundo momento do trabalho apresenta os contrapontos, familiaridades e situações análogas à Anita, tomando-a como ponto de partida. Inicia-se com Maria Quitéria, tratando sobre sua representação como mulher forte do momento histórico em que viveu, a partir do monumento em sua homenagem localizado em Salvador, Bahia. Este caso, apresenta perspectivas mais justas do ponto de vista simbólico quanto à representação feminina.

Depois, segue-se para o caso de Dandara dos palmares e como as relações de dominação por homens brancos e suas estruturas patriarcais têm efeitos opressores em mulheres negras. O debate acerca de sua história e memória está na importância de um posicionamento de confronto à discriminação. Ao observar as primeiras esculturas, de Maria Quitéria e Anita, conseguimos ver como o racismo estrutural aparece na prática, uma vez que, para as duas primeiras, mulheres brancas, existem alguns monumentos, enquanto para Dandara dos Palmares, uma mulher negra, não se encontram monumentos dedicados à sua pessoa. Apesar de ambas as histórias

---

<sup>6</sup>AUTOR DESCONHECIDO. Escultura de Anita Garibaldi no Jardim das Esculturas. Fotografia digital. Disponível em: <https://www.insieme.com.br/pb/curitiba-ganha-monumento-de-anita-garibaldi/#:~:text=A%20NOVA%20ESCALPURA%20-%20A%20obra,a%20hero%C3%ADna%20imponente%20e%20forte> Acesso em: 8 ago. 2024

serem envoltas de lutas sociais e batalhas. Notando Anita com seu discurso revolucionário, e Dandara com seu discurso emancipatório, observa-se a mulher negra como alvo de maior apagamento, uma vez que suas histórias raramente são representadas sequer em homenagens monumentais tradicionais.

Seguindo adiante, e como conclusão das análises, temos Maria Felipa. Esta personagem negra, também guerreira, nos apresenta um vislumbre do que poderia ser a representação feminina de mulheres negras, ou ao menos nos aponta para um caminho que embora distante do ideal, firma bases para a construção de um futuro mais justo no que tange os temas aqui discutidos.

Em São Paulo, existem muitos monumentos, porém poucos são sobre homens e mulheres negras. Um levantamento feito pelo Instituto Polis do ano de 2023, feita com a base de dados da Prefeitura Municipal de São Paulo pela Geosampa, identifica a existência de 367 monumentos na cidade, onde 200 são de figuras humanas, sendo 169 de figuras masculinas e apenas 24 de figuras femininas. É possível observar que a quantidade de figuras brancas é a grande maioria, uma vez que 137 são de figuras de homens brancos e 18 são de mulheres brancas. Assim, conforme os dados, apenas 4 de homens negros e 1 de mulher negra, sendo as obras de homens negros homenagens a Luiz Gama (1931), as profissões de engraxate e jornaleiro (1950), Marighella (2004) e Zumbi dos Palmares (2016); e a única obra que representa uma mulher negra é a Mãe Preta (1955).

Todavia, foi após a intervenção feita pelo coletivo Revolução Periférica<sup>7</sup>, em julho de 2021, no monumento que homenageia o bandeirante Manuel Borba Gato, que a Prefeitura Municipal de São Paulo divulgou a instalação de mais 5 homenagens às personalidades negras, sendo 3 homens e 2 mulheres, são homenagens à escritora Carolina Maria de Jesus e a sambista Madrinha Eunice (Instituto Polis, 2023, p. 14). Desta forma, após a atualização destes dados, a pesquisa identificou a existência de 377 monumentos, sendo 210 de pessoas, 155 de pessoas brancas e apenas 12 de pessoas negras.

No Rio de Janeiro, outro levantamento feito pelo Instituto Cultne, a pedido do Globo, traz a informação que na cidade existem 358 estatuas que homenageiam figuras humanas, sendo 308 homens brancos, e apenas 29 sendo homens negros. Assim, conforme os dados, a discrepância é grande ao se questionar a quantidade de

---

<sup>7</sup>Para saber mais sobre, acessar: <<https://reporterpopular.com.br/revolucao-periferica-e-a-reacao-dos-bandeirantes/>>

monumentos de personagens femininas, já que apenas 17 retratam mulheres, sendo 14 brancas e somente 3 são de mulheres negras. São as 3 homenageadas: a musicista Chiquinha Gonzaga, a bailarina Mercedes Batista e a política Marielle Franco.

Em Fortaleza, um levantamento preliminar feito pela Secretaria Municipal da Cultura de Fortaleza (Secultfor), divulgado pelo site do Diário do Nordeste, informa que na cidade, do total de 120 monumentos, apenas 18 são representações de figuras femininas, enquanto 58 monumentos são de representações de figuras masculinas, sendo o restante não representações de figuras humanas.

Desta forma, após um levantamento que aborda a perspectiva de grandes centros econômicos e culturais do país, nota-se como a maioria dos monumentos são limitados quanto ao gênero e raça. Conforme os dados, as memórias de personagens de homens brancos tiveram mais destaque na construção e instalação de obras que os homenageiam, gerando um apagamento da memória coletiva de mulheres e pessoas negras.

As histórias e as memórias da população negra e dos povos originários têm menos espaço no imaginário da cidade, não apenas porque os monumentos que as representam são numericamente inferiores, mas também porque a concepção artística e o controle da narrativa de tais obras não couberam aos próprios grupos sub representados. (Instituto Pólis, 2023, p. 44)

Será possível observar como as construções monumentais, em sua maioria, são pautadas por uma lógica colonialista<sup>8</sup>, e que reforçam estereótipos racistas e sexistas. E entendendo a importância que as imagens têm para a construção de memórias, a partir da leitura de autores que fogem da lógica colonialista, acredita-se ser possível criar novas configurações de conhecimento para que então seja possível alcançar uma posição nos espaços públicos por estes grupos marginalizados e excluídos.

---

<sup>8</sup> É necessário ressaltar que o objetivo aqui não é trabalhar com a decolonialidade enquanto instrumento metodológico, mas sim com autoras e autores que fogem do colonialismo propriamente pelas concepções teóricas e metodológicas que apresentam. Visa-se expandir o léxico teórico e epistemológico, rasgando a visão colonial tradicional sem que necessariamente seja imperativa a limitação das autoras e autores a um único conceito científico muito particular, que requer requisitos também particulares. Esta manobra é feita no sentido de tentar explorar as concepções epistemológicas antes e em prioridade em relação ao conceito científico de decolonialidade.

## OBJETIVOS

Essa pesquisa tem como objetivo geral contribuir com o debate sobre como as representações nos espaços fundamentam as construções de identidades, nesse caso, as identidades femininas, por meio de narrativas que estão presentes em monumentos. Dessa forma, será evidenciado como o ser “feminino” é tomado por diversas estereotipações, sendo assim, alvo de pagamentos devido ao sistema patriarcal envolto na sociedade brasileira do século XX e XXI. Para isso, busca-se propor reflexões da museologia social, que visa subverter os padrões coloniais e heteronormativos que por muito tempo foram impostos. Nesta perspectiva, entende-se a importância de um pensamento social que condiz para dar maior visibilidade as histórias de mulheres que são marginalizadas, e para que se produza uma memória social diversa e plural.

Enquanto objetivos específicos, tem- se a análise do caso de Anita Garibaldi e três monumentos criados em sua homenagem, bem como a análise de outros monumentos criados em homenagem a personagens históricas femininas, no caso: Maria Quitéria e Maria Felipa. Em diálogo, trazendo a falta de um monumento dedicado a personagem Dandara dos Palmares, para se discutir como as mulheres negras são pouco representadas nos espaços públicos.

## JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa justifica-se a partir da necessidade de olhar sobre como os processos identitários femininos são representados, e consequentemente estereotipados. Ao longo dos séculos, o significado de ser feminino sofreu diversas alterações, muitos espaços foram conquistados, porém ainda perdura a marginalização de figuras femininas nos espaços públicos e seus feitos, principalmente no que tange mulheres não brancas. Essa invisibilização acaba por prejudicar a formação de uma memória social sobre as histórias de mulheres, memórias estas que são necessárias para moldar identidades culturais de uma sociedade. Entendendo o caráter político envolto na produção social da memória, uma vez que é usado como instrumento manipulação e controle de narrativas, nota-se como este trabalho se faz essencial perante a urgência de reconhecimento e visibilidade do feminino do espaço público.

Com a necessidade de um recorte de pesquisa, este estudo irá focar em algumas identidades femininas cisgêneras que foram reconhecidas e manifestadas durante a história brasileira. Monumentos destas personagens femininas serão objetos de estudo para a análise e conjuntura da multiplicidade que é a identidade feminina, suas vivências e os ideais patriarcais impostos às mulheres.

Desta forma, observa-se a necessidade de uma iniciativa de pesquisa sobre monumentos que representam personagens femininos, uma vez que há pouquíssima quantidade destes, e em sua maioria, sobre mulheres brancas e cisgêneras. O monumento então estaria como objeto simbólico, sendo capaz da construção imaginária dos processos identitários, prezando pelo reconhecimento e como suas representações são inseridas no espaço.

Justifica-se esta pesquisa no eixo dos campos da museologia e do patrimônio, juntamente com a necessidade de acompanharem a sociedade, uma vez que a museologia é uma ciência preparada para o estudo e pesquisa da preservação de memórias. Penso que, por muito tempo, foi exaltada a lógica de uma museologia de matriz heterossexual, onde além de gerenciados por homens brancos e héteros, seus objetos eram sempre expostos e musealizados em uma lógica euro centrada. Desta forma, para sair de uma matriz cis-heteronormativa e branca colonizadora, é importante o uso de uma vertente da museologia que pense além deste núcleo.

## METODOLOGIA

A metodologia aplicada nesta pesquisa é a apresentação de estudos de caso para contribuir e empregar os conceitos importantes para o tema que foram trabalhados ao longo do texto. Para a realização da pesquisa foi feita uma revisão bibliográfica para o entendimento do contexto teórico sobre o tema que nos permite desenvolver a problematização, bem como o entendimento geral do contexto histórico que as obras se encontram.

Os estudos de caso se dão em relação a personagens Anita Garibaldi, Maria Quitéria e Maria Felipa, onde serão analisados os monumentos criados em homenagem a estas, com objetivo final de interpretar suas monumentalidades, e entender como são capazes de montar narrativas sobre a história das personagens. Enquanto também será possível evidenciar uma ausência de monumentos a figura da personagem Dandara dos Palmares, destacando a falta de monumentalidade a figuras negras femininas.

Desta forma, serão analisadas as diferenças e semelhanças entre ambos os casos para realçar como personagens femininas, quando e se são representadas em monumentos, têm suas monumentalidades direcionadas ou não à visibilização de suas histórias. Bem como a maneira com que essa representação promove o apagamento e esquecimento de histórias.

## 1 UMA QUESTÃO DE GÊNERO E TENSIONAMENTOS

Dado o escopo dessa pesquisa, entende como necessária a compreensão do conceito de “gênero”. Assim, começamos pelo debate posto pela autora Judith Butler, filósofa responsável por formular teorias de estudos de gênero, do feminismo e teoria Queer. Butler (2003) nos ensina que enquanto o termo “sexo” se refere a termos biológicos, o “gênero” entende-se como uma concepção cultural. No ocidente, em sua maioria, entende-se como as divisões de gêneros são identidades construídas socialmente, em uma perspectiva binária, a qual, distingue Homens e Mulheres em estereótipos opostos com base em uma relação de dominação, fato que será trabalhado mais para frente.

Butler (2018) afirma ainda que os gêneros são identidades construídas por meio de atos performáticos. Assim afirma que essa ideia de gênero como uma identidade não estável constituída no tempo, parte de uma estilização dos corpos, ou seja, por meio de gestos corporais, movimentos, ações que produzem o ‘eu’ atribuído ao gênero (Butler, 2018, p. 5). Desta forma, entende-se que a base da identidade de gênero é uma repetição estilizada de atos performáticos, apoiada em paradigmas sociais.

Para compreender como essas estilizações alteram e reafirmam os atos performáticos, é preciso entender também o que são corpos. Conforme Merleau-Ponty (1999, p. 236 *apud* Butler, 2018, p. 4-5) e Beauvoir (1970, p. 28 *apud* Butler, 2018.) o corpo é descrito como um conjunto de experiências históricas e culturais contínuas. O corpo não seria uma materialidade que termina em sua própria imagem, mas sim diversos significados capazes de ser e fazer o performático. Assim, ao analisar corpos femininos, sendo este o caso do presente trabalho, é preciso reconhecer os contextos históricos para entender como são estereotipados.

Isto posto, pode-se reiterar o pensamento de Beauvoir (1970, p.28, *apud* Butler, 2018.) quando diz que “mulher” é algo histórico e não natural, já que se separa sexo, como categoria biológica, do gênero. Quando a autora declara “torna-se mulher/torna-se homem”, comprehende-se de que forma a identidade que constitui o ser mulher/ser homem, é dada pelo conjunto de signos, símbolos, valores sociais e culturais que constituem. Por consequência, este processo se dá por uma construção social, como reflete Butler em consonância com o discurso de Beauvoir.

Permeando os estudos de gênero, comprehende-se a necessidade de, a partir desta discussão, formular questões mais amplas e estruturais que emergem na

sociedade ocidentalizada. Reafirmando a necessidade do reconhecimento dos contextos históricos para trabalhar com corpos femininos, expõe-se o trabalho da historiadora Gerda Lerner (2019) que busca analisar o sistema patriarcal, o qual tem como pensamento o homem como principal atuante e representante da família e do país. Um sistema feito para um mundo de homens brancos destinado à vivência e prosperidade de homens brancos.

Segundo os estudos de Lerner (2019, p. 42-43), durante anos, os tradicionalistas consideraram a submissão das mulheres como algo universal. O ponto de vista biológico determinista concentrou-se na capacidade reprodutiva feminina, vendo assim, a maternidade como principal meta de vida das mulheres, considerando a maternidade como fator principal de desenvolvimento social. Já aos homens, foi determinado o monopólio da força física, tornando-os caçadores, protetores, incentivando sua agressividade, e valorizando-os no meio social por estas características.

Assim, esta divisão de gênero atribuía as causas de submissão feminina a fatores biológicos, e sempre de forma conveniente àqueles que escreviam tais fundamentos, os homens. É por isto que, em consonância com as discussões acerca do gênero aqui apresentadas, o “fato de mulheres terem filhos ocorre em razão do sexo; o fato de mulheres cuidarem dos filhos, ocorre em razão do gênero, uma construção social.” (2019, p. 47- 48)

Por conseguinte, parafraseando Lerner (2019, p. 44), essas alegações foram refutadas por evidências antropológicas em relação a sociedades de caçadores-coletores, uma vez que a caça de grandes animais seria uma atividade auxiliar, enquanto atividades de colheitas e caça de pequenos animais eram consideradas principais fontes de fornecimento de alimentos e eram executadas por mulheres e crianças. Em seu trabalho, alega que antropólogas feministas pesquisaram e contestam esta universalização masculina em todas as sociedades, já que, em campos de pesquisa, encontraram sociedades em que a assimetria sexual não era associada à dominação e submissão, já que as tarefas realizadas eram importantes para a sobrevivência, independente dos gêneros.

Contudo, Lerner (2019, p. 47) destaca que com a Revolução Industrial (1760 - 1840), houve uma mudança significativa no modo como as atividades humanas eram realizadas, com a substituição do trabalho físico pelo trabalho das máquinas. Apesar

das mudanças culturais importantes que ocorreram, as mulheres ainda eram tratadas como no período Neolítico, com as mesmas expectativas de cuidados e serviços.

Dito isso, Lerner (2019, p. 45) destaca que no século XIX, a explicação tradicionalista se tornou científica devido ao enfraquecimento do argumento religioso. Essa explicação baseava-se nas teorias Darwinistas de sobrevivência dos mais fortes, que justificavam a distribuição desigual de riquezas e privilégios. Esse pensamento, por sua vez, acabou excluindo as mulheres de oportunidades econômicas e educacionais, uma vez que o papel materno era visto como um fator que impedia o avanço das mulheres nesses campos. Além disso, as condições biológicas, como menstruação e gravidez, eram vistas como incapacitantes e tornavam as mulheres inferiores. Por isso, é importante ressaltar que essas ideias deixaram um legado que influenciou as relações de gênero por muitos anos. (*Ibid.*, p. 45-47). A compreensão deste panorama histórico ressalta as origens dos processos de estereotipação da opressão patriarcal que influem sobre os aspectos simbólicos que aqui serão interpretados.

Isto posto, após interpretar autoras como Butler, Beauvoir e Lerner, comprehendeu-se que o “ser mulher” é construído socialmente por meio de uma relação desigual de dominação e submissão. Portanto, considera-se que a mulher, em seu reconhecimento da cisgeneridade, é vista como um objeto doméstico, onde é de sua responsabilidade o cuidado da família, a criação dos filhos, a alimentação, e satisfazer as vontades do homem responsável por ela. Ao homem, entretanto, é designado o trabalho, e este sai às ruas todos os dias para trabalhar para proporcionar uma qualidade de vida para a família. Com base na relação de dominância, onde o homem seria o mais forte e mandante, e a mulher seria a mais fraca e mandada, é possível perceber como corpos femininos, comumente, em suas narrativas históricas, a depender do momento, são retratadas por 5 arquétipos: a mãe, a esposa, a puta, a louca e a vilã (Barbosa, 2022)<sup>9</sup>.

Desta forma, retomando o raciocínio posto acima, entende-se que a distinção entre os gêneros se deu com base em uma relação de dominação, e que por meio destes atos performáticos que as mulheres são submetidas a desempenhar, são formulados estereótipos acerca de suas identidades.

---

<sup>9</sup> Esta citação foi retirada de uma apresentação oral pelo mestre Arthur Gomes Barbosa, durante a aula da matéria "Museu, Museologia e Pesquisa na Contemporaneidade", na Universidade de Brasília.

Contudo, ao se tratar de mulheres não brancas, a perspectiva muda em parte. Entende-se que foi no chamado Brasil Colonial que o sistema implantado pelos colonizadores europeus era responsável por diminuir e limitar as vivências de mulheres negras. Em concordância com Sueli Carneiro (2020) e em diálogo com as falas de Bell Hooks (2023), a colonização e a escravatura mudaram a lógica relativa às mulheres.

Com a embarcação de colonizadores, houve o período de escravização, onde povos do continente africano foram trazidos à força para o território brasileiro e povos originários que já habitavam esses territórios, sofriam incontáveis tipos de violência, e principalmente no caso das mulheres, sofriam violências sexuais. Isto posto, se parte reflexões que questiona qual é a situação da mulher negra, visando seu papel social neste sistema da sociedade ocidental branca, que antes patriarcal, agora também escravocrata. Para comprovação, Lélia Gonzalez contribui ao falar que a objetificação sexual do corpo de uma mulher negra vai muito além da própria ação, mas que regula e faz a manutenção de todo um sistema que subjuga o corpo do negro. Assim, afirma ao dizer: “Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexism a colocam no mais baixo nível de opressão’ (Gonzalez, 2020, p. 58)

Desta forma, conforme destacam as autoras, ao longo das décadas, mulheres não brancas tiveram trajetórias diferentes das brancas, as formas de opressão e as violências eram diferentes. Por exemplo: a ideia de fragilidade feminina era negada às mulheres negras, enquanto a não obrigação e o impedimento do trabalho eram uma realidade apenas de mulheres brancas, visto que as não brancas eram escravizadas e marginalizadas. Este argumento acerca das distinções entre trajetórias a partir da ótica racial serão relevantes para contrapor, no ponto de vista simbólico e cultural, a presença de monumentos dedicados a mulheres, que em sua maioria são consideradas como brancas, conforme será apresentado posteriormente.

Dado o assunto, segundo a filósofa feminista e latina María Lugones (2014), mesmo após as conquistas de direitos civis na teoria, na prática, visava-se contemplar os apenas homens cisgêneros, excluindo as necessidades e reivindicações das mulheres. Lugones em seus estudos, desenvolveu um conceito, criado a partir do

conceito de colonialidade do poder<sup>10</sup>, chamado de colonialidade de gênero. Afirma que o sistema de hierarquização de gênero foi iniciado nos territórios latino-americanos e caribenhos, nos períodos da colonização, e que havia então uma divisão quanto sexo (macho e fêmea) e raças (etnias). Esta divisão quanto a etnias reforçava o sistema hierárquico, no qual os homens brancos europeus eram considerados por eles mesmo civilizados, portanto, superiores, enquanto aos homens não brancos, era atribuída a “selvageria”, tornando-os passíveis da educação civil. Logo, reitera-se que o homem branco era o sujeito, aquele que detém poder; a mulher branca era passível das ações, de pureza sexual e sujeitada ao ambiente doméstico e materno; e as pessoas não brancas eram tidas como meros instrumentos sujeitos às ordens dos homens brancos.

Desta forma, o conceito da colonialidade de gênero será importante para o entendimento das análises da monumentalidade nas personagens presentes na escrita, por retratar simbolicamente e reforçar os estereótipos impostos às mulheres ao longo dos séculos. Bem como é importante o uso de uma leitura para contrapor e resistir às opressões coloniais historicamente impostas.

É possível ver uma divisão de gênero que opera também nos espaços públicos, maneiras como a sociedade se organiza e distribui o acesso entre homens e mulheres. Percebe-se isso justamente na construção de histórias e narrativas das cidades e em seus objetos culturais, como, por exemplo, os monumentos, objeto de estudo desta pesquisa que será conceituado adiante.

Observa-se, então, que as mulheres, tanto brancas quanto as não brancas, foram impedidas de pertencerem aos espaços públicos e políticos. Todavia, foi a partir do século XX que surgiram movimentos para ocupar pessoalmente estes espaços públicos de maneira mais energética, com organizações emancipatórias, que lutavam obter acesso à educação, cultura e político. Após muita luta, alcançaram alguns feitos que ressoam até os dias atuais, porém onde se econtram essas histórias? Onde são narradas? Onde estas conquistas são homenageadas e celebradas?

Buscando tratar desta restrição impostas às mulheres na ocupação material e simbólica dos espaços públicos, cabe então uma reflexão sobre como essas histórias são contadas e em quais lugares as memórias dessas mulheres se fixam. No sentido

---

<sup>10</sup> Usando a explicação de María Lugones, este é um termo tirado da análise de Aníbal Quijano que entende o conceito como uma forma de dominação e exploração do sistema de poder mundial capitalista. (2014, p. 939)

de contextualizar tais lugares, Pierre Nora (1993) comprova como a materialização das memórias se dá em determinados locais, bem como é necessária para uma produção social da memória. Como afirma o autor, a história é uma representação do passado, enquanto a memória, é um processo dinâmico e ativo no presente. Os lugares de memórias, estariam, então, no sentimento de manifestar essas memórias de forma simbólica e intencional. Consideram-se lugares como os monumentos, objetos de estudo em questão, como locais em que a materialização da memória ocorre. Desta forma, visa-se a necessidade do uso desses locais para a preservação cultural e para o reforço de identidades coletivas, uma vez que promovem resistência ao esquecimento e à diluição de sua cultura.

Portanto, ao assimilar e reconhecer os lugares que as mulheres foram impostas a ocupar por anos, comprehende-se como se deu o apagamento de suas histórias e memórias nos espaços públicos. Espaços de memórias em que a presente pesquisa se propõe a questionar e refletir sobre. Assim, tendo percorrido estes planos conceituais, dialoga-se sobre o próprio alvo dos processos até então descritos, os monumentos e suas produções de sentidos.

## 2 A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E OS MONUMENTOS

Tendo em vista o diálogo sobre gênero posto acima, é relevante para este trabalho conceituar o que são identidades e seus processos para a conjunção das ideias acerca da produção social da memória por grupos em objetos culturais como os monumentos, já que, estes refletem as opressões, estereótipos e imposições socioculturais, que serão posteriormente correlacionadas.

Inicialmente, tem-se que, ao se falar de objetos culturais, estamos referindo também a objetos físicos que, para além de suas funções físicas, podem se tornar símbolos de identidades e memórias. Entendendo que é nesses objetos que ocorrem processos identitários que atuam na produção de sentidos, observa-se um resultado que é marcado pelo reconhecimento e representatividade de uma comunidade, grupo ou nação.

Na perspectiva dos autores Marcelo Alario Ennes e Frank Marcon (2014, p. 283-284), durante o século XX, a palavra identidade se refere aos aspectos e fenômenos, fazendo parte de estudos até então denominados de cultura, tradição, costume, folclore, entre outros. Reduzida a um caráter descritivo, estável e determinista de como um grupo se define. Assim, com base nos estudos culturais, a questão da identidade seria gerada por uma teorização sobre o sujeito.

Para continuar o debate sobre identidade e seus processos, é importante discorrer sobre a ideia de sujeito. Conceitua-se por meio de Stuart Hall (2006, p. 10-13) três concepções de sujeito, sendo eles: o sujeito do iluminismo(1), descrito como um indivíduo unificado e independente de consciência e ação, egocentrado, no qual as identidades estariam vinculadas à própria pessoa em questão; já o sujeito sociológico(2) viria como uma separação entre o mundo interior e exterior, onde este é necessariamente formado pelas relações sociais, e os valores e sentidos culturais modificam suas identidades; o que levaria ao sujeito pós-moderno (3), o qual, devido às constantes transformações sociais e movimentos políticos, desenvolve suas identidades de formas e em contextos diferentes, dependentes dos sistemas culturais presentes, assim sendo instáveis, fluídas e dinâmicas(3).

Conforme em Hall (2006, p. 67-69), à medida que ocorre a introdução de uma sociedade globalizada, devido a maior circulação de informações e possíveis trocas de grupos étnicos sociais diferentes, as noções sobre identidade tendem a ser mais diluídas, fugindo da dimensão original de espaço e tempo. Assim, tem-se uma maior

propensão ao englobamento de culturas, que podem ou não ocasionar em pagamentos e esquecimentos, além de apropriações e aculturações.

Observa-se, em Hall (2006, p. 9), como essa descentralização dos indivíduos de seus lugares no mundo, tanto social, quanto culturalmente, ocasiona uma “crise de identidade”. Partindo de uma perda de sentidos de si estável, que passa a ser fluida. Entendendo assim, as variações das paisagens culturais, de classe, gênero, sexualidade, etnia e nacionalidade, como sendo fatores de reflexão e quebra acerca de uma identidade, individual ou coletiva.

Logo, seguindo o argumento, em Hall (2006, p. 70), consta a compreensão que espaço e tempo são noções importantes para os sistemas de representação, já que estas dimensões são exploradas a fim de localizar as representações, tendo em vista como esse desmembramento influencia as relações sociais e suas compreensões. Desta forma, é necessário avaliar os contrastes entre os sujeitos das sociedades tradicionais e sociedades modernas.

Retomando aos autores Ennes e Marcon, e em diálogo com Hall, as relações de pertencimento e alteridade que são reconhecidas por meio das identidades e seus processos, são produzidas a partir de relações de poder. Essas relações geram fronteiras simbólicas e materiais que funcionam como elementos definidores do “eu” e “nós”, e dos “outros” e de “nós”. Estas, construídas socialmente, constantemente se movimentam de forma dinâmica, podendo ser tanto centralizadas e unificadas, quanto descentralizadas e fragmentadas. Fica evidente, então, como esta dimensão política gera desigualdades e relações de dominação e subordinação, fato que será aprofundado mais à frente nas dimensões simbólicas e políticas dos monumentos a Anita, Maria Quitéria e Maria Felipa, e no caso de Dandara, na ausência de um monumento.

Posto isto, busca-se explicar o que seriam as identidades culturais, conceito trabalhado nesta pesquisa como recurso de produção de sentidos gerados em objetos culturais, como são os monumentos. As identidades são construídas por meio de representações sociais considerando os conjuntos de signos, símbolos e valores de um sistema cultural, assim, sustentando-se uma identidade de um determinado povo, nação ou grupo a partir da caracterização definida. Assim, entendem-se os processos identitários vistos nas produções de sentidos, como expressões construídas por meio dessas relações sociais e nas dimensões políticas, onde, a identificação se dá por

meio de elementos que caracterizariam determinados grupos e que acabam por expressar suas identidades.

No entanto, o seguinte questionamento é provocado: qual é a potencialidade de objetos culturais como os monumentos em um contexto de reconhecimento identitário? Esta pergunta será desenvolvida ao longo dos próximos parágrafos, onde serão abordados conceitos e ideias como monumento, monumentalidade, espaços de memória e a produção social da memória.

Entende-se, então, que as identificações são constituídas por meio de representações sociais. Assim, os objetos culturais seriam uma materialidade que carrega valores, significados e simbologias de uma determinada cultura de um grupo, a qual expressa, transmite e reflete suas identidades. A construção de histórias e narrativas, tem-se o entendimento, está nos objetos culturais da cidade, os quais são responsáveis por transmitir e preservar a memória coletiva de uma sociedade.

Dado o monumento como objeto cultural, deve-se destacar a existência de seus usos sociais e produções de sentidos, uma vez que se comprehende que este tem um peso de reconhecimento identitário para qualquer dada sociedade. Parafraseando as ideias da autora Choay (2006, p. 17), comprehende-se por monumento, tudo aquilo em que “a natureza afetiva está em seu propósito”, ou seja, sua particularidade está justamente na maneira como o monumento manipula a memória. Assim, como ela destaca, os monumentos contribuem para preservar a identidade, uma vez que, as memórias são manipuladas e revividas na intencionalidade e na estética daquele objeto.

Desta forma, busca-se retomar o conceito do que é monumento, por meio de Choay (2006), Riegl (2014) e Barbosa (2021), define-se monumento como todo objeto físico usado para manutenção de narrativas do passado de forma materializada para o presente, pensando na projeção deste para o futuro. Assim, existindo no presente, para questionar o passado e projetar o futuro, possibilitando a criação de símbolos.

Conforme explorado na introdução, como característica dos monumentos tem-se a monumentalidade, dimensão simbólica, definida pela autora Cristiane Moreira (2009), que atua na visualidade, representando e valorizando às narrativas e ideias que aqueles objetos expressam. A monumentalidade sempre vem acompanhada com uma intenção, sendo ela explícita ou não. E apesar de estar em diversos lugares, é nas cidades que as pessoas mais convivem. Por isso, “a monumentalidade mostra-se complexa se deixarmos de nos limitar à realidade

empírica imediata e começarmos a nos indagar, por exemplo, sobre o seu significado na construção do espaço, sua origem e seu papel social na história." (Moreira, 2009, p. 43). Posto isto, comprehende-se a importância que os monumentos têm na produção social de memórias, uma vez que carregam narrativas, fato relevante para a construção de argumentos adiante.

Ainda em debate, Moreira disserta sobre os monumentos que durante os séculos serviam para representar grandes atos políticos ou fatos ocorridos durante a história. Contudo, essa construção sempre vem de uma relação de poder. O poder que constrói a narrativa a fim de deixar um legado à memória coletiva. Mas é deste ponto que vem o questionamento, a qual coletividade estes monumentos são referentes? Conforme o pensamento de Xavier (2020, p. 275), ressalta-se que essa forma de reconhecimento social por meio de monumentos era muito mais recorrente com homens do que com mulheres, e no caso destas, na grande maioria das vezes, as encomendas eram feitas apenas por iniciativa particulares e por familiares.

À vista disso, retomando as discussões sobre gênero e suas dimensões, políticas, entende-se que para o coletivo, as diferenças dos papéis sociais de gênero são capazes de articular os símbolos culturais, assumindo assim representações enviesadas, fragmentadas e injustas. E percorrendo a dimensão simbólica e de produção social de memória dos monumentos, já que, estas carregam em si narrativas, é necessário o questionamento: de quem? Sobre quem? E para quem estão homenageando e construindo monumentos nos espaços públicos?

Define-se, por meio de Chantal Mouffe (2013), espaço público como um lugar de protagonismo, de articulação e fala, onde pode se sobressair um sistema de representatividades. Conforme as falas de Mouffe (2013, p. 182), existem três noções do que é público: como algo que é comum, como algo que é visível e exposto, como algo que é acessível e aberto. Entendendo que essas noções dependem do contexto em que estão inseridos. As articulações sobre algo que seria público gera uma discussão política, atentando-se ao caráter democrático dos sentidos.

A própria identidade de um determinado espaço público é uma função de seu público, e, reciprocamente, a identidade do público diz respeito à forma como o espaço público é construído. (Mouffe. 2013, p. 190)

Desta forma, é necessário reconhecer que construções como monumentos em espaços públicos, são culturalmente moldadas, tornando-as dinâmicas e mutáveis, uma vez que o foco encontra-se nos valores incorporados e refletidos por cada

monumento, e em sua interação com a sociedade. Em diálogo, Riegl (2014) diz que, quando tratamos de algo “histórico”, falamos de tudo aquilo que já foi e não pertence à atualidade, sendo o presente, toda a sequência do fato ocorrido anteriormente. Assim, em Choay (2006), conclui-se que todo monumento teria como objetivo manter uma narrativa na presente consciência das gerações. O foco, então, estaria nos valores que cada monumento reconhece e representa, bem como em sua relação com a sociedade, compreendendo que esses valores são culturalmente construídos e, portanto, sujeitos a mudanças.

Em síntese, um monumento quando criado carrega em suas existências, narrativas as quais são identificadas e sintetizadas pelos públicos. Em diálogo, Corinne Squire (2020, p. 273), descreve as narrativas como uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e históricos, que se movimentam temporalmente e socioculturalmente de forma particular para causar reconhecimentos. A autora destaca como, em diversas situações, os objetos e imagens geram leituras narrativas variáveis ou fragmentadas por meio de sua linguagem visual, pensando nos conjuntos de significantes que cada símbolo se conecta. Desse modo:

As imagens imóveis talvez sejam os casos mais interessantes para examinar em termos de narrativa fora da temporalidade – isso se excetuarmos aquelas versões delas que são claramente marcadas de modo temporal, como, por exemplo, um momento em uma história verbal mais longa, ou uma vida; ou aquelas imagens que estão cercadas pelo texto explicador que “conta a história delas”. (Squire, 2020, p. 273-274)

Assim, são construídas histórias que podem afirmar ou negar uma verdade, resumindo em si narrativas de fatos e acontecimentos do passado, reconstruídas e realizadas por meio de análises e manifestações críticas por intermediários, realçando as relações e continuidades temporais. “O movimento da história, a ambição histórica não são a exaltação do que verdadeiramente aconteceu, mas sua anulação.” (Nora, 1993, p. 9)

Contudo, a memória é um fenômeno de lembrança do passado, podendo ser múltipla, individual e/ou coletiva. Conforme cita Nora (1993, p. 15), a memória é essencial para a história, e o desejo de registrá-las, presente ao longo dos séculos, provou ser uma forma altamente eficaz e tangível. Isso resultou na materialização da memória que, com o tempo, se expandiu, tornando-se mais descentralizada e democratizada. Assim, nota-se a ampliação da conservação e produção da memória de forma mais inclusiva, que avança para toda uma comunidade restabelecer suas

identidades, tanto coletivas quanto individuais, a partir de uma nova perspectiva histórica própria para a montagem de narrativas mais atuais, com a obrigação de uma memória mais assertiva e concreta. Entendendo a atuação desta concepção no campo individual, como um processo de busca e resgate, almeja-se o pertencimento a uma identidade, única ou múltipla.

Portanto, entende-se que os lugares de memória (Nora, 1993, p. 13) são criados a partir de contextos e validações. E os monumentos consistem em carregar as narrativas que irão definir e ser responsáveis por validar as memórias, podendo isto ocorrer de maneira que as reforce ou que as apaguem. Pensados os monumentos como instrumentos para juntar ideias e indivíduos, por consequência, estes criam identidades partilhadas. Assim, compreendendo a cidade como um espaço de memória, os monumentos promovem o reconhecimento, uma vez que nossas imagens estão nos espaços comuns.

Dada a área de pesquisa deste trabalho, retomando o argumento sobre a museologia ser uma ciência cuja provocação está no estudo e na pesquisa da memória. Ao se pensar nessas discussões, em uma perspectiva museológica, surge a reflexão de como os indivíduos e o coletivo têm ação sob os objetos culturais, no caso, os monumentos. Em diálogo com os pensamentos de Waldisa Rússio (1981, p. 123), a qual destrincha sobre o fato museológico ser objeto de pesquisa da museologia, relaciona-se este conceito com as discussões sobre os monumentos e a produção de sentidos. “O fato museológico é a relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor –, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir.” (Rússio, 1981, p. 123),

Assim, entendendo que o fato museológico se refere à forma como o sujeito interage com o objeto, de forma ativa, reflete-se sobre a profunda conexão com os monumentos, a produção de sentidos e sua produção social da memória. Uma vez que, o sujeito (no caso, indivíduos e coletivo) age sobre o objeto (no caso, os monumentos), isto faz com que o objeto não seja apenas produto dos processos culturais e históricos, mas também, o objeto seja simultaneamente agente social, influenciado pelo sujeito. Com isto, ao se falar de objetos que carregam símbolos e signos, como os monumentos, ressalta-se uma instrumentalização destes objetos, já que estes se configuram como uma maneira direta de propagação de memórias e narrativas.

Desta forma, ao analisar a interação entre sujeitos e monumentos sob uma perspectiva museológica, fica evidente que os monumentos não são meros produtos passivos dos processos culturais e históricos. Eles atuam como agentes sociais, influenciados pelos sujeitos que os criam e os interpretam. Assim, este processo reflete a ideia de Rússio, onde a relação entre sujeito e objeto é fundamental, bem como, a compreensão sobre os monumentos como instrumentos vitais na propagação de memórias e narrativas.

### **3 ANÁLISE DAS OBRAS E SUAS DIMENSÕES MONUMENTAIS**

Retomando o pensamento da cidade como um espaço de memória, e os monumentos como objetos culturais e produtores sociais de memórias, já que suas imagens promovem um reconhecimento identitário, prosseguimos com a análise das obras supracitadas. A partir da interpretação de Nora (1993), entendem-se que os lugares de memória são criados a partir de contextos, e as dinâmicas do espaço e tempo que afetam as formas de relação com as coisas, pessoas e memórias estão em aceleração, o que pode também induzir ao esquecimento. Assim, os monumentos podem promover o reconhecimento, porém, também podem promover o esquecimento e apagamento de narrativas e memórias.

Desta forma, entende-se que a memória precisa ser revista por diferentes perspectivas, precisa ser discutida e relida com abordagens teóricas que repensem como as identidades culturais são diversas e plurais. Sendo então possível erguer representações mais justas e agregadoras.

Considerando as discussões sobre a promoção de reconhecimento pelos monumentos, ao tratar destes nas cidades, são retomados os questionamento sobre onde estão representadas narrativas de mulheres? Onde são produzidas suas memórias? Assim como exposto na anteriormente através de dados, é perceptível a discrepância entre homenagens feitas aos homens com relação às mulheres. Apesar das diversas mudanças e conquistas que o feminismo alcançou, tanto na esfera privada quanto na pública, a partir do século XX, como destaca Xavier (2020), poucas mulheres receberam monumentos públicos, e mesmo em relação as que conseguiram, observa-se que a maioria eram brancas, de classe social mais alta.

De acordo com Xavier (2020, p. 275), no Brasil, a primeira escultura pública em homenagem a um ato histórico foi a estátua de D. Pedro II, no Rio de Janeiro, em 1862. Já a primeira escultura feminina que se tem registro é a da escritora e abolicionista Júlia Lopes de Almeida (1935), que, porém, encontra-se desaparecida. A autora fez um levantamento<sup>11</sup> e afirma que, na cidade do Rio de Janeiro, há 217 monumentos em homenagem a homens, e apenas 14 em homenagem a mulheres, sendo muitas por iniciativa da própria família. Bem como destaca que em São Paulo há 88 esculturas masculinas e somente 7 femininas, feitas apenas a partir da década de 1970.

---

<sup>11</sup> Considera-se os dados levando em conta o ano de publicação do artigo mencionado, 2020.

É nítido, portanto, que por muito tempo a história foi escrita por homens e sobre homens. O “fazer história”, como destaca Lerner (2019, p. 28), selecionou os eventos que eram registrados e interpretou-os dando-lhes significados e significância, por muitas vezes feito por homens: servos, sacerdotes, escribas, ou seja, contado apenas pela perspectiva masculina da humanidade. Assim, seguindo seu pensamento, as ações e histórias de mulheres permaneceram sem registro e ignoradas durante vários séculos, pois os homens consideravam as mulheres irrelevantes e secundárias para atividades definidas como importantes.

Desta forma, é necessário aprofundar-se na análise de monumentos e revisitação da memória de mulheres enquanto seres também históricos. Na presença de monumentos representando personagens femininas, cabe analisar como estes estão representando as mulheres e se não estão, contrariamente, apenas reproduzindo e reforçando estereótipos. Em específico, será analisada a revolucionária Anita Garibaldi e como ela foi representada em monumentos locais feitos para homenageá-la; também serão analisados outros exemplos de monumentos que dialogam com esta falta de representação e de criação de uma memória social sobre as mulheres de forma justa e plural, devido a uma esfera sexista e racista que envolvem seu contexto social.

### **3.1 Anita Garibaldi, seu legado e o horizonte simbólico do ser feminino**

Primordialmente, explora-se uma breve biografia da personalidade histórica em questão, que conta a história da personagem e seus feitos, para que então, seja possível analisar as obras e as narrativas por detrás dela.

Anita Garibaldi, cujo nome completo é Ana Maria de Jesus Ribeiro da Silva, nasceu no dia 30 de agosto de 1821, em Laguna, Santa Catarina. Vinda de uma família humilde, e descendente de família portuguesa, após a morte de seu pai, precisou ajudar sua mãe. Aos 14 anos de idade, se viu obrigada a se casar com um sapateiro local, Manuel Duarte Aguia. Seu casamento durou três anos, fazendo com que Anita voltasse para casa de sua mãe após o término do matrimônio.

Anita acompanhava com interesse as notícias da Revolução Farroupilha<sup>12</sup> e os discursos de seu tio sobre a revolta dos Farrapos, se declarando assim uma defensora das causas republicanas, visando com interesse os debates e confrontos. Aos dezoito anos, conheceu Giuseppe Garibaldi, um general italiano o qual buscou exílio no Brasil, e que participava de confrontos na região do atual Santa Catarina. Garibaldi, em 1839, participou de uma frota Farroupilha, onde conseguiram atacar de surpresa as tropas imperiais e assumir o controle de um porto e da cidade em geral, depois de oito dias de batalha. Sua conduta teve destaque e por isso ficou conhecido na cidade, onde permaneceu e conheceu Ana Maria, por meio do contato de pessoas próximas a ela.

Devido a sua origem linguística, Garibaldi, decidiu chamar Ana de Anita, que seria o diminutivo de seu nome em italiano. E assim ela ficou conhecida por outras pessoas. Ficando mais próximos e apaixonados à medida que o tempo passava, ele a ensinou a andar de cavalo e a manipular armas para os conflitos. Os dois lutaram em diversos confrontos, incluindo na Guerra dos Farrapos. Anita demonstrou competência e destemor em diversos conflitos que participou.

No dia 16 de setembro, em 1840, Anita e Giuseppe tiveram seu primeiro filho, e em apenas 12 dias de seu nascimento, sua casa foi atacada, quando estava sozinha com seu filho. Precisando sair às pressas para sobreviver, Anita montou em um cavalo, com seu filho em um braço e uma arma no outro.

---

<sup>12</sup> A Revolução Farroupilha (1835-1845) ocorreu na província do Rio Grande do Sul, aos comandos de figuras históricas como Bento Gonçalves. A revolta tinha como motivação as insatisfações políticas e econômicas de gaúchos pelos altos impostos cobrados e uma falta de autonomia política, impostas pelo império brasileiro. E tinha como base as ideias republicanas e federalistas defendidas por personagens como Anita Garibaldi e Giuseppe Garibaldi. (Carrión, 2022)

Após isto, o casal ficou exilado no Uruguai, onde participaram de confrontos, casaram-se e tiveram mais três filhos. Em 1847, o casal e os filhos foram morar na Itália, onde passaram o resto de sua vida, e lutaram nos conflitos pela unificação da península. Em 1849, ao ser proclamada a República Romana, Garibaldi foi à Roma, para proteger a cidade. Anita, ao saber disso, encaminhou-se para a cidade para participar, todavia, como estava grávida, não queriam deixá-la ir. Como estratégia, Anita obteve uma diligência para proteger seu marido, e conseguiu atravessar o cerco que bloqueava a cidade, fingindo ser esposa de um oficial espanhol, o qual ela sabia que tinha sido ferido.

Devido à rotina exaustiva e a péssima alimentação, a saúde de Anita enfraqueceu, e acabou por falecer dia 4 de agosto de 1849 devido aos sintomas de febre forte e ferimentos que obteve durante os conflitos. Após diversos enterros, seus restos mortais são postos em monumento feito em sua homenagem, na cidade de Roma, na Itália, em 1932.

E assim morreu Anita, aos 27 anos, uma mulher reconhecida por sua força, coragem e inteligência. Nascida humilde, morreu sabendo falar quatro idiomas, envolvida em disputas políticas e sendo um símbolo de heroína para duas nações.

Assim como destacado no documentário “200 anos de Anita - Uma mulher à frente do seu tempo” (TV Assembleia Legislativa (TVAL), 2021), apesar de sua extensa e importante participação na história nacional e da Itália, seu legado só foi reconhecido anos depois, já que o império, após a retomada do controle das províncias do Sul, buscou apagar os nomes dos líderes de Farroupilhas. O resgate de sua memória foi possível após a Proclamação da República no Brasil (1889), onde ela foi reconhecida como uma importante personagem na defesa dos ideais republicanos, na libertação dos oprimidos e na emancipação feminina.

Em Laguna, Santa Catarina, cidade natal de Anita, seu legado foi destacado por duas instituições que são referências para a população local. A primeira é a casa que recebeu Anita quando se arrumava para seu primeiro casamento, transformada em um museu em sua homenagem: O Museu Casa de Anita. A segunda é o Museu Histórico Anita Garibaldi, que está localizado na Praça República Juliana. Ambos dispõem de acervos de retratos, móveis da época e utensílios pessoais.

Conforme a autora Fernanda Aparecida Ribeiro (2011, p. 14-15) entende-se que as memórias de Giuseppe Garibaldi foram as primeiras fontes para a construção da memória de Anita após sua morte, a qual foi repercutida por demais historiadores

da época, na Itália. Assim a imagem de Anita se constrói, a partir da percepção de seu marido, uma imagem de mulher-soldado e companheira. “Nesse sentido, ele edifica o mito heroico de Anita, destacando que ela é uma mulher que irrompe no espaço público como vencedora e atua no espaço masculino como se fosse o seu próprio universo.”(Ribeiro, *Ibid.*, p. 14)

Trazendo o panorama para o Brasil, Ribeiro destaca que sua imagem só é resgatada após a proclamação da República, como já mencionado. Edificada por historiadores, que em sua grande maioria eram homens, sua imagem era contemplada por ser mãe, esposa e dona de casa, mas que também foi uma heroína de guerra. Desta forma, em um país cujo sistema está envolto de um pensamento patriarcal e sexista, percebe-se a necessidade de se produzir uma narrativa sobre sua história vinculada a uma identidade feminina domesticada, recatada e servente. Era possível, então, ver como sua figura foi atrelada ao ato de ser uma mulher que cumpriu com seu papel feminino que a sociedade patriarcal esperava, mas também conseguiu romper com o sistema e ser capaz de se destacar por permanecer nos espaços, ditos como masculinos. “É a visão que eles possuem do papel feminino, especialmente da companheira do herói italiano, que influencia a construção da imagem de Anita em seus textos.” (Ribeiro, *Ibid.*, p. 67)

Entendendo a perspectiva matrimonial católica que foi imposta à população ocidentalizada e à população brasileira, durante o período da colonização, os relacionamentos heteronormativos são compulsoriamente estimulados para então se construir a instituição família<sup>13</sup>, onde cabe à mulher o espaço doméstico como sua única possibilidade. Desta forma, reitera-se o pensamento no qual a mulher é vista como um objeto deste espaço, sendo de sua responsabilidade o cuidado da família, a criação dos filhos, a alimentação e satisfazer as vontades do marido; enquanto ao homem é designado ao espaço público, e o trabalho.

É possível, então, perceber que Anita em sua história é retratada quase sempre como uma excelente esposa e companheira, mãe, primeiro, e depois retratada como uma mulher guerreira. Portanto, como a discussão se trata de uma mulher, a construção de sua memória não poderia ser tratada de maneira igual ao seu companheiro e aos outros homens que fizeram, pelo menos o mínimo, são referenciados, ainda nos tempos atuais, como símbolos de guerreiro, força e

---

<sup>13</sup> Observa-se o conceito de família, em uma perspectiva institucional, devido sua construção ideológica advinda da heteronormatividade católica e patriarcal que foi, e ainda é imposta na sociedade ocidental.

heroísmo. É possível observar como esta construção, ao longo das décadas, fora representada de formas distintas.

Como exemplo pertinente ao caso, destaca-se as palavras de Antônio Manoel Elíbio Júnior (1998), ao descrever como Anita era referenciada no jornal “O Albor”, no ano de 1939:

O mesmo jornal [...] publicou um artigo da Revista Catarinense assinado pelo Comandante Henrique Boiteux, narrando a batalha dos farroupilhas contra os navios imperiais, associando Anita Garibaldi a deusa da guerra e a vitoriosa Pallas Atena”(*Ibid.*, p. 93).

Do mesmo modo, é plausível destacar outro exemplo descrito no documentário citado anteriormente, “200 anos de Anita - Uma mulher à frente do seu tempo” (2021):

Imagen de mujer guerreira e obstinada foi reforçada recentemente por sua descrição em um ofício de um documento encontrado nos arquivos da Biblioteca Nacional de Santa Catarina. Nele, o presidente da província de Santa Catarina, General Andrea, escreveu, com o objetivo de informar, erroneamente, o governo Imperial sobre a captura de Garibaldi e a morte de sua amásia, espécie de Amazona, que entrava no fogo com os soldados. (Documentário “200 anos de Anita - uma mulher à frente do seu tempo”. TV Assembleia Legislativa (TVAL), 2021)

Em ambos os exemplos, é possível observar como as imagens das mulheres em contextos de lutas, posicionamento político e científico, são associadas ao misticismo e ao oculto, e nunca evidenciando suas lutas como uma mulher de força, guerreira, com capacidade de estar naquele ambiente por ter interesse e vontade para conquistar aquilo que almejavam. São sempre tratadas como se fosse necessário algo relacionado ao divino para conseguirem agir de uma determinada maneira, ou até em maior quantidade e qualidade, da forma agem os homens.

Devido ao surgimento da nova política republicana brasileira implantada, e com as políticas de branqueamento e incentivo à imigração italiana no estado do Rio Grande do Sul, Giuseppe Garibaldi foi promovido a herói nacional devido a sua atuação na Revolução Farroupilha, também com a intenção de aproximar os italianos imigrantes da história brasileira. É possível observar, assim, como sua imagem e representação de Giuseppe foi apresentada e homenageada com mais evidência e vigor, e sempre em primeiro lugar em relação à Anita.

Observa-se na figura 04 o monumento feito e inaugurado em 1º de maio de 1910, por Emílio Gallori, para homenagear Giuseppe. O monumento consiste em um busto, o qual é composto por expressões faciais e vestimentas que o representam, bem como um pequeno trecho escrito em italiano, com as inscrições: “GIUSEPPE

GARIBALDI/ BRACCIO EROICO/ PER LA LIBERTÁ DEL POPOLI/ CUORE MAGNANIMO/ PEOGNI PIU' UMANA ASPIRAZIONE/ DI/ SOCIALE GIUSTIZIA/ 1º MAGGIO 1910<sup>14</sup>"; sua base é de granito medindo 4,37 metros de altura, e a escultura de bronze mede 1,43 metros de altura. Em 1922, foi instalada em sua base uma placa de bronze, com a inscrição: "A/ MAZZINI/ LA DEMOCRAZ'A PAUL'STA/ NEL 1922<sup>15</sup>", com objetivo de homenagear outro líder da unificação italiana, Giuseppe Mazzini (Ver figura 06).

---

<sup>14</sup>Tradução: "GIUSEPPE GARIBALDI/ BRAÇO HEROICO/ PELA LIBERDADE DO POVO/ CORAÇÃO MAGNÂMIMO/ POR TODA ASPIRAÇÃO HUMANA/ DE/ JUSTIÇA SOCIAL/ 1º DE MAIO DE 1910"

<sup>15</sup> Tradução: "A/ MAZZINI/ A DEMOCRACIA DE PAULO/ EM 1922"

Figura 04 - Fotografia da estátua do busto de Giuseppe Garibaldi no Parque da Luz, em São Paulo



Fonte: Webpage São Paulo Antiga<sup>16</sup>

<sup>16</sup>AUTOR DESCONHECIDO. Monumento a Giuseppe Garibaldi. Fotografia Digital. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/monumento-a-giuseppe-garibaldi/> Acesso em: 8 ago. 2024

Figura 05 - Fotografia da placa de bronze em homenagem a Giuseppe Mazzini no Parque da Luz, São Paulo



Fonte: Webpage São Paulo Antiga<sup>17</sup>

Outro monumento que cabe mencionar é o primeiro monumento construído que se refere à Revolução Farroupilha, feito pelo artista Fildelfo Simi, em Florença, Itália, o qual foi cedido ao Brasil pela colônia italiana, em 1913. A estátua é composta pela imagem de Giuseppe, em pé, e Anita, ajoelhada, ao lado de um canhão, além de duas coroas de carvalho e louro nas laterais, esculpida em mármore, com a inscrição em seu pedestal: “GIUSEPPE E ANNITA GARIBALDI/ AI/ RIO GRANDENSI/ LA COLONIA ITALIANA/ XX SETTEMBRE MCMXIII”<sup>18</sup>.

Nota-se na figura 06, como, corporalmente, o homem está sendo retratado em posição de destaque ao ser posicionado em pé, e a mulher está agachada, disposições que instigam uma interpretação com realce em Giuseppe como se fosse

<sup>17</sup>AUTOR DESCONHECIDO. Placa de homenagem a Giuseppe Mazzini. Fotografia Digital. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/monumento-a-giuseppe-garibaldi/> Acesso em: 8 ago. 2024

<sup>18</sup>Tradução: “GIUSEPPE E ANNITA GARIBALDI/ AI/ RIO GRANDENSI/ A COLONIA ITALIANA/ XX SETTEMBRE MCMXIII”; Referência: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a\\_e\\_monumento\\_a\\_Garibaldi#](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pra%C3%A7a_e_monumento_a_Garibaldi#)

maior e mais imponente que Anita. Retratado como principal personagem da narrativa, seguido por uma mera companheira.

Figura 06 - Fotografia do Monumento a Giuseppe e Anita Garibaldi, localizado na Praça Garibaldi, em Porto Alegre



Fonte: Flavia Boni Licht /Divulgação PMPA<sup>19</sup>

No entanto, Helen Bregantin (2018) afirma que foi apenas no século XX que a imagem de Anita se desvincula da construção imagética de seu marido, e é explorado um caráter mais individual sobre sua história por pesquisadores. Destaca:

Desta maneira, pode-se compreender porque Anita foi tão subjugada em uma sociedade de domínios masculino e religioso, evidenciando um caráter tempestivo e resoluto, e por tanto tempo. Ao que apresenta, Anita foi esquecida pela história, e por mais de um século, foi subjugada, podendo isso ser explicado pela hipótese de terem sido encontrados poucos documentos de referência.(Bregantin, 2018, p. 60)

Entendendo sua história e como foi produzida sua memória, ao longo dos anos, convém analisar, em um recorte, três estátuas feitas em sua homenagem para se debater como sua figura e simbologia foi retratada nos espaços públicos.

<sup>19</sup>LICHT. Flavia Boni. Monumento a Giuseppe e Anita Garibaldi, na Praça Garibaldi. Fotografia digital. Disponível em: <https://portoimagem.wordpress.com/2014/09/23/monumento-sera-analisado-por-ultrassom/> Acesso em: 8 ago. 2024

A primeira estátua de referência, figura 01, é o busto de Anita Garibaldi em Florianópolis, localizado na Praça Getúlio Vargas, com outras homenagens de figuras históricas masculinas. Foi inaugurada em 1919 pelo escultor Antonino Pinto de Mattos, sendo o primeiro monumento em Santa Catarina dedicado a sua pessoa<sup>20</sup>. A iniciativa para a construção desta estátua resultou dos esforços do fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), os quais, no final do século XIX, se interessaram em suas histórias, trazendo então Anita como um símbolo para legitimar o novo sistema republicano e dar notoriedade para a cidade de Santa Catarina. (Júnior, 1998)

---

<sup>20</sup> Fonte: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=441164&view=detalhes>

Figura 01 - Fotografia da estátua do busto da Anita Garibaldi em Florianópolis, Santa Catarina



Fonte: Moacir Pereira<sup>21</sup>

<sup>21</sup> PEREIRA, Moacir. Monumento a Anita Garibaldi na Praça Getúlio Vargas. 2021. Fotografia digital. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/anita-garibaldi-bicentenario-tera-varios-eventos-em-laguna/> Acesso em: 8 ago. 2024

A escultura de bronze tem a imagem visual composta apenas pela cabeça de Anita, a qual é isenta de expressão, e sem qualquer elemento que dê abertura ao observador para identificar que se trata de uma figura feminina. Embaixo de seu busto, há uma inscrição: “A/ ANNITA GARIBALDI / - ANNA DE JESUS RIBEIRO -/ A/ (HEROINA DOS DOIS MUNDOS)/ O/ SEU ESTADO NATAL/ -1919-”. Observa-se assim como a falta de figuras visuais prejudica a construção de sua narrativa, uma vez que, não há elementos suficientes para construir uma memória sobre sua história e seus feitos.

Em contrapartida, foi inaugurado, no ano de 2022, figura 07, um busto de Anita na frente do Museu Casa de Anita, onde se encontra, o uso da casa como lugar de preservação de sua memória. A estátua está localizada em sua cidade natal, Laguna, perto da praça que recebeu seu nome, Praça Anita Garibaldi, onde, também, encontra-se um busto de Giuseppe Garibaldi, estátua criada muito anos antes da de Anita, em 1982.

Esta escultura foi feita pelo escultor Sérgio Coirolo, e não foi possível resgatar informações sobre o material que foi feito, ou suas medidas. No pedestal da escultura em questão está inscrito: “O PREFEITO SAMIR NIMAD, EM HOMENAGEM À ANITA GARIBALDI, INAUGURA O BUSTO QUE/ REPRESENTA A IMAGEM MAIS FIEL DA HEROÍNA/ LAGUNENSE, NO DIA EM QUE SE CELEBRAM/ 10 ANOS DA INSERÇÃO DE SEU NOME NO/ PANTEÃO DOS HERÓIS DA PÁTRIA./ ARTISTA: SERGIO COIROLO/ LAGUNA, 30 DE ABRIL DE 2022”.

O busto carece de elementos visuais da mesma forma que a escultura citada anteriormente (ver figura 01 novamente). Porém, devido a sua localização e às referências externas nas proximidades, é possível montar uma narrativa que a identifica e conta a história da personagem aqui em evidência. Desta forma, em ambos os bustos de Anita, ausentam-se objetos simbólicos para compor sua narrativa. Por si só, o monumento não diz algo ou conta uma história. Sem informações adicionais, escritas e visuais, passa despercebida a informação sobre quem foi, o que fez e a importância da história de Anita.

Figura 07 - Fotografia da estátua busto de Anita Garibaldi em Laguna, Santa Catarina



Fonte por perfil Casa de Anita, plataforma Facebook<sup>22</sup>

<sup>22</sup>AUTOR DESCONHECIDO. Bustu de Anita Garibaldi. 2022. Fotografia digital. Disponível em: <https://www.facebook.com/museucasadeanita/posts/pfbid02CCVNTskR1mTfJmXpVMA2xgrpTztL66piiSPk7ZiBkpNiz65FDbhfF9wDgUKqJRJl> Acesso em: 8 ago. 2024

A segunda referência para ser analisada é a estátua de corpo todo que está localizada na Praça República Juliana, em frente ao Museu Histórico Anita Garibaldi, em Laguna, e foi inaugurada em 1964 (ver figura 02). Está presente no pedestal da escultura uma placa com as inscrições que não foi possível visualizar com a fotografia encontrada.

Figura 02 - Fotografia da estátua de corpo todo de Anita Garibaldi em Laguna, Santa Catarina



Fonte: Jack Christiaan - JustSmiles.nl<sup>23</sup>

Na obra é possível visualizar que retrata uma mulher, devido a seus trajes, comumente associados a figura feminina, com uma arma abaixada em um braço, enquanto o outro está levantado para cima. Em seu pedestal, imagem de um cenário,

---

<sup>23</sup>CHRISTIAAN, Jack. Estátua de Anita Garibaldi. Fotografia digital. Disponível em: <https://descobrirlaguna.wixsite.com/descobrirlaguna1/anitagaribaldi> Acesso em: 8 ago.2024

onde há uma mulher assumindo o controle de um canhão, e pessoas ao seu lado abaixadas, fato este que auxilia na construção de uma narrativa de confronto.

Contudo, quando se compara às esculturas dedicadas a Giuseppe Garibaldi, para apresentar narrativas de embate, como a revolução, aparenta-se figuras nítidas masculinas, as quais estão montadas em um cavalo, símbolo de potência e virilidade, com postura agressiva e dinâmica, armas empunhadas para cima. Em contrapartida, Anita é representada com arma abaixada, como um instrumento auxiliar, o que não demonstra prontidão para o combate, bem como sua postura que demonstra um convite para o povo se juntar, mas não necessariamente representa liderança. Desta forma, considerando que ambos os personagens participaram destes momentos históricos, postas lado a lado, suas estátuas reforçam a relação de protagonista e figurante que lhes fora socialmente imputada a partir dos processos socioculturais aqui expostos. A disparidade entre abstração e ação está na representação de ambos personagens, onde uma ressalta uma visão idealizada do que seria o papel de uma figura feminina em uma revolução, enquanto outra ressalta uma visão concretizada de um fato histórico, o papel de uma figura masculina em confronto.

Isto posto, fica evidente como a retratação de mulheres, ao associar à revolução, pode surgir malabarismos simbólicos que tiram a mulher de seu local de protagonismo, enquanto passam uma noção idealizada de pureza da própria revolução. Neste sentido, a obra analisada, dedicada a Anita, parece reiterar essas ideias. Em comparação, quando observamos uma estátua de Giuseppe (ver figura 8), encontra-se a representação de uma figura masculina com espada e montado em um cavalo com as duas patas para cima, indicando um próprio cenário de confronto, dotado de movimento e ação.

Figura 08 - Fotografia do monumento a Giuseppe Garibaldi em La Spezia, Itália



Fonte: Valentino Pescio<sup>24</sup>

Em contraponto, para exemplificar uma retratação de forma mais justa, tem-se o monumento à Maria Quitéria, uma estátua inaugurada em 1953, feita por José Barreto, localizada em Salvador, Bahia. Maria Quitéria, assim como Anita Garibaldi, uma guerreira, considerada heroína nacional pelo Livro Heróis e Heroínas da Pátria, lutou na guerra da independência da Bahia. Sua estátua é composta por uma figura feminina em trajes militares, segurando uma espada em uma mão apontada para cima. Em sua expressão corporal, percebe-se uma presença de protagonismo do confronto, já que sua imagem destaca uma postura de ação, possibilitando uma narrativa de heroína a qual fora.

<sup>24</sup>PESCIO, Valentino. Monumento di La Spezia Giuseppe Garibaldi in via CHIODO. 2017. Fotografia digital. Disponível em: [https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:2017-05-26\\_Monumento\\_di\\_La\\_Spezia\\_Giuseppe\\_Garibaldi\\_in\\_via\\_Chiodo.jpg](https://commons.m.wikimedia.org/wiki/File:2017-05-26_Monumento_di_La_Spezia_Giuseppe_Garibaldi_in_via_Chiodo.jpg) Acesso em: 8 ago. 2024

Figura 09 - Fotografia da estátua de Maria Quitéria, Salvador, Bahia



Fonte: Adenilson Nunes/Secom<sup>25</sup>

Para completar as análises, tem-se a terceira referência, a qual é um monumento de Anita Garibaldi, criado para homenageá-la (ver figura 03), localizado no centro histórico de Curitiba, Paraná, no Jardim das Esculturas do Palácio. Foi inaugurada pela Associação Giuseppe Garibaldi no dia 21 de setembro de 2023, feita pelo artista Carlos Henrique Tullio, faz parte do projeto de revitalização do espaço Palácio Garibaldi, que conta a ação da iniciativa privada e pública. Não foi possível resgatar informações técnicas sobre a escultura, bem como imagens da estátua por inteira.

---

<sup>25</sup> SECOM BAHIA. Ficheiro: Estátua Maria Quitéria, Festa de Independência da Bahia.jpg. Fotografia digital. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Est%C3%A1tua\\_Maria\\_Quit%C3%A9ria,\\_Festa\\_de\\_Independ%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Bahia.jpg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Est%C3%A1tua_Maria_Quit%C3%A9ria,_Festa_de_Independ%C3%A7%C3%A3o_da_Bahia.jpg) Acesso em: 20 set. 2024

Figura 03 - Fotografia da estátua de Anita Garibaldi no Jardim das Esculturas, em Curitiba, Paraná



Fonte: Webpage Insieme<sup>26</sup>

Ao analisar o monumento, é possível observar como os símbolos presentes na escultura reforçam estereótipos associados às mulheres, principalmente às brancas, muito presente ainda na sociedade brasileira, considerando que este monumento é o mais recente em sua homenagem. O símbolo mais notável é o da figura feminina segurando uma criança com o braço direito, enquanto com o braço esquerdo segura uma haste com bandeira. Esta simbologia acaba por representar a maternidade e constrói uma narrativa centrada exclusivamente neste papel, ignorando outras possibilidades, como a de uma heroína.

Acredita-se que esta simbologia reforce estereótipos de opressão patriarcal impostos para as mulheres brancas. Assim como foi retratado e retomando as discussões do capítulo 1.1, buscando em Butler, Beauvoir e Lerner, a identidade feminina foi construído socialmente em uma relação de desigualdade, onde a mulher seria vista como objeto doméstico e sua maternidade seria sua principal função, não sendo reconhecida ou permitida em outros espaços. Desta forma, esta representação

<sup>26</sup>AUTOR DESCONHECIDO. Escultura de Anita Garibaldi no Jardim das Esculturas. Fotografia digital. Disponível em: <https://www.insieme.com.br/pb/curitiba-ganha-monumento-de-anita-garibaldi/#:~:text=A%20NOVA%20ESCALPURA%20-%20A%20obra,a%20hero%C3%ADna%20imponente%20e%20forte> Acesso em: 8 ago. 2024

simbólica e as possíveis narrativas, perpetuam este estereótipo patriarcal, pois limitam a vivência histórica da personagem quando não traz símbolos que narram sua memória heroica. Vejamos, o problema não está na representação da maternidade, está em ser a principal, e por vezes, a única representação retratada.

Retomando as discussões do capítulo de gênero, a presente escrita destaca como por milhares de anos a história de mulheres foram negadas, invisibilizadas e apagadas. E devido a um processo histórico que colocava pessoas do sexo feminino em papel de subordinação política e subserviência, deu-se a exclusão feminina dos espaços públicos. Para as mulheres não brancas há uma luta ainda maior, já que, para além da questão de gênero, é necessário subverter as questões de raça e classe, devido ao resultado de um processo histórico e cultural.

Entende-se acessado por meio Sueli Carneiro e Bell Hooks, como as mulheres negras, por muito tempo, tiveram suas histórias roubadas e memórias apagadas. Devido ao processo colonial que houve no Brasil, suas histórias sofreram pagamentos por não terem sido registradas. Esse é o caso de Dandara dos Palmares, heroína nacional, que lutou contra a escravidão, personagem de destaque de luta feminina e resistência negra do Brasil. Sua história não foi registrada, fazendo com que tanto o resgate de documentações quanto sua história de vida e lutas sejam escassos.

Para escrever uma biografia sobre a personagem, encontram-se obstáculos. Ao pesquisar, a data e o local de seu nascimento são informações que não foram possíveis serem resgatadas, não há registros encontrados que indiquem se ela nasceu no Brasil ou se foi trazida à força de algum país do continente africano. Historiadores supõem-se que Dandara viveu em Quilombo dos Palmares, local de resistência negra, onde era engajada com a política da comunidade e símbolo de liderança. Assim descreve Janaína Oliveira Caetano e Helena Carla Castro (2020):

A história dessa heroína, que, no século XVII, liderou homens e mulheres em vários conflitos contra as forças enviadas pelas autoridades coloniais, em defesa de Palmares, e transformou-se em ícone da liberdade e do combate à escravidão, é cercada de incertezas e os registros sobre ela são muito limitados. (Caetano. Castro. 2020, p. 160)

Assim, tratada como uma lenda por alguns autores, assim como traz a discussão Caetano e Castro (2020, p. 161), a falta de registros faz com que sua memória seja questionada, bem como sua existência. Fato este que não implica ao percurso desta pesquisa, uma vez que sua história se encontra presente na memória

social de uma parte da sociedade que a identifica e reconhece como símbolo de liderança e resistência negra da história negra do Brasil.

Descrita como quilombola, sua história é marcada pelo tempo vivido no Quilombo dos Palmares<sup>27</sup>, local marcado por ser um agrupamento de pessoas que foram escravizadas e que se refugiavam após a fuga de seus cativeiros. Localizado na Serra da Barriga, região que pertencia à capitania de pernambuco na época, sendo atual do estado de Alagoas. O lugar era de vastas florestas, o que protegiam os mocambos que os negros habitavam, bem como eram parte dos sustentos sua rica fauna e flora. (Carneiro, 1958)

Conforme as autoras, Janaína Oliveira Caetano e Helena Carla Castro (2020, p. 165), a participação de Dandara no quilombo era descrita como estrategista, organizadora e atuante em batalhas, sendo considerada uma guerreira. Expõem que para lutar contra autoridades portuguesas e lutar pela liberdade de negros que foram capturados e violentados, aliou-se a homens que foram considerados líderes da região, como o Zumbi dos Palmares, a qual ocupou também lugares de esposa e mãe.

E assim, supõem-se que Dandara tenha morrido após a destruição do quilombo pela tropa paulistana que invadiram e capturaram negros, no dia 6 de fevereiro de 1694, Dandara resolve se jogar de um penhasco para não ser capturada, encerrando sua história marcada por muita luta e resistência. (Souza; Cararo, 2017 apud Caetano; Castro, 2020, p. 166)

Após conhecer e refletir sobre sua singela biografia, é possível indagar sobre pensamentos de exclusão e apagamentos que assombram a história de Dandara e uma produção social de sua memória. A partir disto, entende-se a necessidade de se traçar uma leitura que discute e debate abordagens teóricas que subvertem essa estrutura de poder persistente na sociedade pós-colonial.

Mediante as discussões de um apagamento das memórias de pessoas negras, é preciso retomar o pensamento sobre a desumanização destas pessoas que foi instigado pelo colonialismo. Conforme lido em Rafaela dos Santos Cruz (2023), para Fanon, em Pele Negra, Máscaras Brancas (2020), a colonização foi um sistema que reduziram pessoas negras em objetos, já que estabelecia a experiência do corpo negro a uma inferioridade. Em sua obra, Fanon (Cruz. 2023, p. 11, apud Fanon,

---

<sup>27</sup> Local tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em 1986, como Patrimônio Cultural Brasileiro. (Caetano. Castro, 2020, p. 162)

2020), ao fazer uma análise do colonialismo, compreendia-se como a existência do corpo negro era moldado por esse sistema de dominação branca que limitava suas vivências e subjetividades. Entendendo assim, como era baseado em uma relação de poder.

Em diálogo, Lélia Gonzalez (1984, p. 224) disserta sobre o processo da identificação do dominado com o dominador buscando indagá-lo com o mito da democracia racial para afirmar seus argumentos. Bem como, explora como o sexismo em articulação ao racismo, produz violências às mulheres negras. Gonzalez afirma que o racismo no Brasil é velado devido à estrutura que molda os pensamentos da sociedade, e explorando noções de consciência e memória, expõe como o silenciamento por meio de uma consciência social, que não cabem no discurso do dominante, é uma estratégia de enfraquecimento e apagamento. Assim, como esta afirma, a consciência exclui o que a memória inclui; a consciência age como discurso dominante sobre uma cultura, afirmado como verdade tudo aquilo que declara, o que não dá espaços para a memória se articular e se sustentar. (Gonzalez. 1984. p. 226)

Busca-se a necessidade de trazer na discussão do mito da democracia racial para comprovar como o sexismo e racismo dialogam entre si nas violências às mulheres negras. Gonzalez (1984. p. 224) relaciona o mito com o sexismo e seus feitos usando como exemplo as imagens que são associadas às mulheres negras, sendo elas a mulata, a doméstica e a mãe preta. Assim, o mito se permeia pela violência simbólica que reduz e limita as vivências das mulheres negras.

Desta forma, entendendo a objetificação dos corpos negros e a prevalência da consciência do discurso do dominante, o qual seria o racismo e o sexismo em questão, debate-se como tal discurso apoia-se em uma cultura racista que explora representações sociais materializando esses corpos, ausentando-os ou limitando-os. Assim, traz-se Gonzalez (1984) para se discutir sobre pagamentos das memórias de corpos negros, em especial de mulheres negras, e como são dadas uma falta de monumentalidade em obras realizadas para homenageá-las.

Isto posto, o caso de Dandara evidencia a presença latente de exclusão e apagamento da memória de mulheres negras, ao expressar a falta, não apenas de monumentalidade, mas de um monumento físico em homenagem dedicado à sua pessoa. Desta forma, entende-se que tal ausência encontra-se nesse debate sobre as estruturas de poder que rondam as sociedades pós-coloniais, ressoando na cultura e

construção de monumentos, dando continuidade aos discursos discriminatórios apoiados no sexismo e racismo (Gonzalez (1984), Hooks (2023), et al.).

Em contraposição, tem-se o mais recente monumento feito à heroína Maria Felipa, mulher preta, escravizada que liderou e lutou pela liberdade e independências de várias mulheres negras e homens negros. Símbolo de liderança e força, Maria Felipa é homenageada em um monumento localizado em Salvador, Bahia, e foi feita por uma artista negra, Nádia Taquary, moldada em resina e fibra de vibro, e mede cerca de 3 metros de altura<sup>28</sup>. No tronco da obra, é possível identificar os inscritos: “SOMOS COMO ÁRVORES/ HABITANDO A TERRA, / TRONCOS FIRMES/ ENRAIZADOS NAS QUE/ FORAM ANTES DE NÓS, ALIMENTANDO O/ QUE SOMOS, APENAS/ PORQUE UM DIA ELAS/ FORAM. / SOMOS MENTES/ FÉRTEIS, ATUALIZANDO/ SABERES E FAZERES/ GERANDO E GESTANDO/ TUDO QUE É PRECISO E/ QUISERMOS.”

Figura 10 - Fotografia da estátua de Maria Felipa, Salvador, Bahia



Fonte: Valter Pontes/SECOM<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Para saber mais, acesse: <https://g1.globo.com/ba/bahia/2-de-julho/noticia/2023/07/27/monumento-em-homenagem-a-maria-felipa-heroina-da-independencia-do-brasil-na-bahia-e-inaugurado-em-salvador.ghtml>

<sup>29</sup> VALTER PONTES/SECOM. Escultura a Maria Felipa. Fotografia digital. Disponível em: <https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/salvador-ganha-monumento-em-homenagem-a-maria-felipa/> Acesso em: 20 set. 2024

Figura 11 - Fotografia da estátua de Maria Felipa, Salvador, Bahia



Fonte: Valter Pontes/SECOM<sup>30</sup>

Observa-se a importância da criação deste monumento, já que, em grande maioria, os momentos seguem uma lógica patriarcal, colonial e branca. Ao trazer uma mulher negra, cuja história está envolta de resistência, monumentalizar suas memórias, é manifestar a visibilidade da história desta mulher e exaltar sua vivência, sem a limitar ou a subjugar em estereótipos, assim como a artista o faz nesta obra. Apesar de carecer de elementos visuais que contem a história da personagem que foi

<sup>30</sup> VALTER PONTES/SECOM. Escultura a Maria Felipa. Fotografia digital. Disponível em: <https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/salvador-ganha-monumento-em-homenagem-a-maria-felipa/>. Acesso em: 20 set. 2024

Maria Felipa, ao retratá-la apenas com uma cabeça, é de fato um grande serviço à sociedade a presença de um monumento, considerado grande, e estar localizado em uma cidade em que o contexto histórico remete a resistência de mulheres negras e homens negros.

Visa-se a importância da existência de monumentos feitos em homenagens às personagens históricas, na necessidade de se produzir uma memória social a elas, buscando uma maior representatividade e visibilidade sobre suas histórias. Desta forma, buscou-se nesta escrita, dar visibilidade para personagens que tiveram contribuições relevantes para a construção da história brasileira, assim, reforçando a importância dessas mulheres, consideradas heroínas nacionais, para uma produção social da memória.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após este processo de pesquisa e reflexões a partir da diversidade de autoras e autores apresentados, que fundamentam as análises dos monumentos, fica claro que as expressões e objetos culturais devem, primordialmente, atender às pessoas, também em toda sua diversidade. Quanto aos monumentos, em sua monumentalidade, nos espaços públicos, devem permanecer inseridos no caráter de libertação de narrativas, visto que promovem o reconhecimento identitário e a produção social de memória na cultura e espaços públicos.

Conforme discutido, os monumentos são elementos cruciais para a compreensão da história, identidade e da memória individual e coletiva. Eles permitem nos conectarmos com o passado, refletir sobre o presente e construir um futuro mais consciente e engajado. Visto isto como característica principal dos monumentos, é necessário que exista o acesso e a identificação do sujeito com a obra, para que se haja uma produção social da memória. Desta forma, buscando trabalhar com o pensamento museológico que foge à lógica colonial, é possível formular reconhecimentos e afirmações identitárias para pessoas, grupos e comunidades que por muito tempo foram marginalizados e ainda hoje se veem excluídos do espaço público.

Desta forma, entende-se como a construção social patriarcal influenciou nas interpretações e desenvolvimento das narrativas presentes nos monumentos em homenagem à figura de Anita Garibaldi. Foi possível perceber como sua representação estava envolta em uma narrativa que a punha primeiro como mãe, esposa, e depois mulher guerreira, como ela foi. Bem como, ao trazer mais exemplos de figuras femininas e outras personagens históricas, como Maria Felipa e Maria Quitéria, é possível notar a capacidade existente de produzir monumentos justos que agregam a memória de personagens femininas. Essa busca por uma memória mais assertiva e concreta impulsiona a construção de narrativas mais atuais e representativas, e estas devem ser enaltecidas.

Retomando o diálogo da autora Wichers (2018, p. 143) quanto à memória como campo principal do fazer museológico, ela traz a ideia de que as memórias de mulheres, principalmente as mulheres não brancas, são “memórias subalternizadas”, “são aquelas que estão nos espaços museais e de memória, mas a partir de representações frequentemente estereotipadas e marginais.” (Wichers, 2018, p. 143).

Assim, observa-se como há uma necessidade de reavaliação das representações femininas nos objetos e patrimônios culturais, como os monumentos, uma vez que, como destaca a autora:

Quando pesquisas[,] instituições museológicas e de patrimônio constroem narrativas impregnadas de silenciamentos e de estereótipos das mulheres e outras minorias, acabam sujeitando-as a uma violência epistêmica. (Wichers. 2018, p. 143.)

Posto isto e retomando o pensamento do espaço público como um lugar de luta de poder, é possível compreender como se dão estas violências epistêmicas, como Wichers traz, na construção e exaltação de monumentos que se relacionam com uma estrutura colonial e suas narrativas dominantes, já que são excludentes.

Dessa forma, entendendo a importância da conscientização e do uso de um olhar museológico mais inclusivo e com interesse na produção social de uma memória também inclusiva, posiciona-se como a interação entre indivíduos e o coletivo com os monumentos, sob uma perspectiva museológica, é fundamental na propagação de memória e narrativas.

A história não precisa ser apagada, a memória precisa ser revista por diferentes perspectivas, precisa ser discutida e relida com visões diversas e plurais. Sendo então possível erguer representações mais justas e agregadoras. É necessário admitir que espaços públicos são espaços de memória, porém também são espaços de resistência!

Desta forma, esta pesquisa se mostra importante para a conscientização e para o estudo da museologia social, incorporada em uma ampliação do pensamento crítico acerca de como monumentos podem reforçar estereótipos de uma identidade feminina que favorecem narrativas hegemônicas opressivas. Ressaltando a importância de pensar nas diversas possibilidades de ser feminino, e como representar isso imageticamente. Bem como, o uso da individualidade de cada personagem e seu contexto histórico, quando retratado e produzido uma memória social sobre os mesmos. Assim, este trabalho tem por concluído o objetivo de agregar à reflexão, manutenção e empoderamento da abertura de debates que visam questionar as produções sociais de memória e seus meios sobre mulheres em toda sua diversidade de formas de ser e existir no mundo. E é por meio destas atuações, que a museologia abarca que a esperança por um futuro mais justo e plural.

## REFERÊNCIAS

- AUDEBERT, Ana. O que é Museologia Feminista. Revista Memória LGBT, [s. l.], ano 7, v. 12, p. 10-16, 2020. Disponível em: <https://memoriaslgbt.wordpress.com/edicoes-memorias-lgbtiq/>. Acesso em: 6 ago. 2024
- BARBOSA, Arthur Gomes; GOMES, Ana Lúcia de Abreu. Pela necessidade da ressignificação: o uso de monumentos como suporte para manifestações artísticas, sociais e comunicacionais. Revista Confluências Culturais , [S. l.], v. 10, n. 3, p. 36–50, 2021. Disponível em: <https://periodicos.univille.br/RCC/article/view/1663> . Acesso em: 6 ago. 2024.
- BREGANTIN, Helen Lemos. Anita Garibaldi: a construção de uma heroína em biografias populares (1849-1999). Orientador: Ricardo Alexandre Ferreira. 2018. Dissertação de mestrado (Pós-graduação, história - FCHS) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), [S. l.], 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/183443> . Acesso em: 6 ago. 2024.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira e ARAÚJO, Marcelo Mattos e COUTINHO, Maria Inês Lopes. Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinapoteca do Estado de São Paulo, 2010.
- BUTLER, Judith. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Caderno de Leituras n.78, Edições Chão da Feira, ed. 78, 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/> . Acesso em: 6 ago. 2024.
- BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo/gênero/desejo. In: BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. cap. 1, p. 15-32. ISBN 85-200-0611-6.
- CAETANO, Janaína Oliveira; CASTRO, Helena Carla. Dandara dos Palmares: uma proposta para introduzir uma heroína negra no ambiente escolar. Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.], v. 14, n. 27, p. 153–179, 2020. DOI: 10.30612/rehr.v14i27.12106. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/12106> . Acesso em: 7 ago. 2024.

CARNEIRO, Edison. O Quilombo dos Palmares. 2. ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958. 29-82 p. v. 302. Disponível em: <http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/75> . Acesso em: 7 ago. 2024.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, Universidade Católica de Pernambuco, 2020. Disponível em: < [https://www1.unicap.br/neabi/?page\\_id=137](https://www1.unicap.br/neabi/?page_id=137) > Acessado em 14 de julho de 2024

CARRION, Raul K. M. Guerra dos Farrapos, a mais longa revolta republicana enfrentada pelo Império do Brasil. Revista Princípios: DOSSIÊ - Brasil: 200 anos de uma independência incompleta, [s. l.], ano 41, ed. 164, maio/ago. 2022. DOI <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2022.164.008>. Disponível em: <https://revistaprincipios.emnuvens.com.br/principios/article/view/213>. Acesso em: 9 ago. 2024

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio; Trad. Luciano Vieira Machado. 5° ed.- São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006, pp.11-29.

CRUZ, Rafaela dos Santos. A experiência corpórea do sujeito preto na obra Pele Negra, Máscaras Brancas, de Frantz Fanon. 2023. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/11449/242810/3/cruz\\_rs\\_me\\_assis.pdf](https://repositorio.unesp.br/bitstream/11449/242810/3/cruz_rs_me_assis.pdf) Acesso em 07 de agosto de 2024

ELÍBIO JUNIOR, Antônio Maciel. A Fabricação de uma Heroína: Anita Garibaldi. Esboços: histórias em contextos globais, [S. l.], v. 6, n. 6, p. pp. 91–97, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/519> . Acesso em: 7 ago. 2024.

ENNES, Marcelo Alario; MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. Sociologias, Porto Alegre, ano 16, n. 35, p. 274-305, janeiro/abril 2014. DOI 10.1590/S1517-45222014000100010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/269597405\\_Das\\_identidades-aos\\_processos\\_identitarios\\_rerepensando\\_conexoes\\_entre\\_cultura\\_e\\_poder](https://www.researchgate.net/publication/269597405_Das_identidades-aos_processos_identitarios_rerepensando_conexoes_entre_cultura_e_poder) . Acesso em: 7 ago. 2024.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro latino-americano. 1. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 49-64. ISBN 978-85-378-1889-3.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje: Anpocs, [s. I.], p. 223-244, 1984. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3040030&forceview=1> Acesso em: 7 ago. 2024.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. rev. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p. ISBN 85-7490-402-3.

HOOKS, Bell. E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo. 14. ed. rev. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2023. 319 p. ISBN 978-85-01-11740-3

INSTITUTO PÓLIS (São Paulo). Patrimônio, memória e diversidade: Um olhar antirracista sobre monumentos da cidade de São Paulo. InstitutoPólis, São Paulo, p. 103, 7 fev. 2023. Disponível em: <https://polis.org.br/publicacoes/patrimonio-memoria-diversidade/>. Acesso em: 9 ago. 2024.

LERNER, Gerda. A criação do patriarcado: História de opressão das mulheres pelos homens. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2019. p. 19-138/ 261-294. ISBN 978-85-316-1534-4.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Revista Estudos Feministas, [S. I.], v. 22, n. 3, p. 935–952, 2014. DOI: 10.1590/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755> . Acesso em: 7 ago. 2024.

MACIEL, Bernardo. Apenas 18 das 120 esculturas e monumentos de Fortaleza representam mulheres. Diário do Nordeste, Ceará, 1 setembro 2024. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ceara/apenas-18-das-120-esculturas-e-monumentos-de-fortaleza-representam-mulheres-1.3549483>. Acesso em: 18 ago. 2024

MOREIRA RODRIGUES, C. Cidade, Monumentalidade e Poder. GEOgraphia, v. 3, n. 6, p. 42-52, 21 set. 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13410> . Acessado em 07 de agosto de 2024

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História V.10, p.7-28, São Paulo, jul-dez 1993.

RIBEIRO, Fernanda Aparecida. Anita Garibaldi Coberta por Histórias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 23-151. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/5a1https://repositorio.unesp.br/items/5a1eb336-5168-4f28-b101-0d926ebcfe30eb336-5168-4f28-b101-0d926ebcfe30>. Acesso em: 7 ago. 2024.

RIBEIRO, Geraldo. Levantamento mostra que menos de 10% dos monumentos no Rio retratam pessoas negras. OGlobo, Rio de Janeiro, 13 maio 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2023/05/levantamento-mostra-que-menos-de-10percent-dos-monumentos-no-rio-retratam-pessoas-negras.ghtml>. Acesso em: 9 ago. 2024.

RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos: A sua essência e a sua origem. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 88 p. ISBN 978-85-273-1005-5

SILVA, Geysa Danielle Barbosa de Moura . Monumento da Negra Nua: símbolo de liberdade ou de aprisionamento. In: Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil / organizador Márcio Ananias Ferreira Vilela. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019. ISBN: 978-85-98711-21-8 Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/site/anais#S> Acesso em 07 de agosto de 2024

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa?. Civitas: revista de Ciências Sociais, [S. I.], v. 14, n. 2, p. 272–284, 2014. DOI: 10.15448/1984-7289.2014.2.17148. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/17148>. Acesso em: 7 ago. 2024.

WICHERS, C. A. de M. Museologia, Feminismo e suas ondas de renovação. Museologia & Interdisciplinaridade, [S. I.], v. 7, n. 13, p. 138–154, 2018. DOI: 10.26512/museologia.v7i13.17781. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17781>. Acesso em: 6 fev. 2023.

XAVIER, Janaina Silva. A representação da mulher em monumento históricos: uma análise a partir das esculturas públicas do século XX da cidade de São Paulo. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais, [S. I.], v. 17, n. 1, p. 263–284, 2020. DOI:

10.35355/0000054. Disponível em:  
<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/20> . Acesso em: 7 ago. 2024

### **Videografia**

DOCUMENTÁRIO “200 anos de Anita - uma mulher à frente do seu tempo”. Direção: Christian Rolando. Produção: TV Assembleia Legislativa (TVAL). Intérprete: Liziane de Souza. Santa catarina: Youtube, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=HC\\_GqQ3Zd1U](https://www.youtube.com/watch?v=HC_GqQ3Zd1U). Acesso em: 2 set. 2024.